



ANO 6 - NÚMERO 64 - FEVEREIRO 2020

xapuri

SOCIOAMBIENTAL

R\$15

SAMBA-ENREDO: A LITERATURA REBELDE

p. 08

CONJUNTURA

Quem são os tatus?

p. 20

EDUCAÇÃO

A última carta
de Paulo Freire

p. 28

SAGRADO INDÍGENA

Watu, um rio em coma

p. 42

ACAIXAÉTODASUA

**Vender as áreas da
CAIXA que dão mais
lucro é jogar dinheiro
fora. O seu dinheiro.**



ACAIXAETODASUA.COM.BR

COMITÊ NACIONAL
EM DEFESA DA CAIXA

“ **Só uso a palavra para
compor meus silêncios** ”
Manoel de Barros

COLABORADORES/AS - FEVEREIRO

Adriana Margutti – Cientista Florestal. **Altair Sales Barbosa** – Arqueólogo. **Ailton Krenak** – Escritor. **Bia de Lima** – Professora. **Clarice Lispector (in memoriam)** – Escritora. **Eduardo Galeano (in memoriam)** – Escritor. **Eduardo Pereira** – Sociólogo. **Emir Sader** – Sociólogo. **Gomercindo Rodrigues** – Advogado. **Iêda Leal** – Professora. **Iêda Vilas-Bôas** – Escritora. **Jaime Sautchuk** – Jornalista. **Janaina Faustino** – Gestora Ambiental. **Josyra Sampaio** – Escritora. **Leonardo Boff** – Escritor. **Lúcia Resende** – Professora. **Trevo Ribeiro** – Poeta. **Valdivino Rodrigues** – Líder Comunitário. **Zezé Weiss** – Jornalista.

CONSELHO EDITORIAL

- | | |
|--------------------------------------|--|
| 1. Jaime Sautchuk – Jornalista | 7. Emir Sader – Sociólogo |
| 2. Zezé Weiss – Jornalista | 8. Graça Fleury – Educadora |
| 3. Altair Sales Barbosa – Arqueólogo | 9. Jacy Afonso – Sindicalista |
| 4. Ângela Mendes – Ambientalista | 10. Jair Pedro Ferreira – Sindicalista |
| 5. Antenor Pinheiro – Jornalista | 11. Iêda Vilas-Bôas – Escritora |
| 6. Elson Martins – Jornalista | 12. Trajano Jardim – Jornalista |



EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental: Telefone: (61) 99967 7943. E-mail: contato@xapuri.info. Razão Social: Xapuri Socioambiental Comunicação e Projetos Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.801-970 – Formosa, Goiás. Edição: Zezé Weiss, Jaime Sautchuk (61) 9 8135 6822. Revisão: Lúcia Resende. Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires - 386/ GO. Marketing e Responsabilidade Social: Janaina Faustino (61) 9 9611 6826. Mídias Sociais: Eduardo Pereira. Tiragem: 5.000 exemplares. Circulação: Revista Impressa - Todos os estados da Federação. Revista Web: www.xapuri.info. Distribuição – Revista Impressa: Todos os estados da Federação. ISSN 2359-053x.

Vem aí outro Carnaval, trazendo lembranças de outros carnavais, que trazem lembranças de outros, que lembram outros que, por sua vez, lembram outros, e assim por diante – ou para trás, até o primeiro tamborim. O Carnaval deste ano vem carregado de memórias especiais, e não foi preciso ir muito longe para evocá-las.

Basta lembrar a Mangureira do ano passado, a Mangureira do belo samba-enredo História para Ninar Gente Grande, da Manu da Cuíca e do Luiz Carlos Máximo, e do inesquecível clipe do samba gravado para a TV pela Cacá Nascimento.

A Mangureira política, a Mangureira campeã. O começo – imaginaria você – de um levante, ou coisa parecida, contra o esquecimento que ameaçava apagar a Marielle Franco da memória nacional, não como um estorvo, mas como alguém que nunca existiu (...)

Não se espera que uma escola de samba tenha o poder de denunciar assassinos e cobrar justiça a céu aberto, mesmo com um samba empolgante, mas o que desfilou na avenida aquele dia foi a ausência da Marielle, ao som de “Marielle presente” gritado da arquibancada. A ausência-presente de Marielle já dura muito. Dura desde o outro carnaval!

Quem matou Marielle? Quem mandou matar Marielle? Doutor Moro, é com você. Como vai a investigação sobre a morte de Marielle? Alguém sabe? Alguém se interessa em saber? Não é uma vergonha para a nação esse grande silêncio em meio à batucada?”

Este texto de Luís Fernando Veríssimo reforçou nossa convicção de que já era hora de fazer uma matéria de capa sobre a rebeldia do samba, expressa nos sambas-enredo das escolas de samba do Rio de Janeiro e do Carnaval no Brasil inteiro. É disso que trata a matéria de capa desta nossa edição X64, de fevereiro de 2020, mês do Carnaval.

Pesquisamos a história dos sambas-enredo, os momentos mais marcantes dessa trajetória e trazemos, pra você, como complemento, os 10 momentos mais politizados dos sambas-enredo das escolas do Rio desde 1960, o primeiro ano em que uma escola trouxe para a Avenida a história do povo negro e da Resistência, com Zumbi dos Palmares, e também os versos rebeldes do Carnaval de 2020.

E tem também matérias sobre a dança da Sussa e a inauguração do Museu Iaiá Procópio, um texto muito lindo, “Espalha”, sobre a cultura dos seringueiros na Amazônia, uma denúncia sobre a morte do Watu, ou rio Doce, o rio sagrado do povo Krenak, e muito mais...

Boa Leitura!

Zezé Weiss e Jaime Sautchuk

Editores





Mensagens pra Xapuri

contato@xapuri.info

Meu Deus, que texto! [A Ilha do Bananal não existe mais [capa da edição 63]. Triste por um lado, arrebatador por outro lado, pela noção que ele dá (histórica e geológica) de uma região que não conheço. Verdadeira. Sonho em ir pra Ilha do Bananal desde os tempos da faculdade. Acho que está na hora de fazer isso, enquanto há tempo...

Anna Fonseca – Foz do Iguaçu – PR

Capa [da Xapuri 63] maravilhosa! Manchete triste sobre o fim da Ilha do Bananal, por onde um dia passei!

Maria Félix Fontele – Brasília – DF

A Casa da Flor [Xapuri 63]... tive o prazer de conhecer, vale muito a pena!

Gratidão pela linda recordação!

Magda Curado Martins – Formosa – GO



08 CAPA
Samba-enredo:
a literatura rebelde

18 CONSCIÊNCIA NEGRA
Cantigas da Sussa

13 CULTURA
Carnaval e Política:
simbiose sem volta

20 CONJUNTURA
Quem são os tatus?

16 ECOLOGIA
Enterrem meu coração
atrás do morro do Estreito

25 MITOS E LENDAS
O mito do Chibamba

Xapuri – Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: “Rio antes”, ou o que vem antes, o princípio das coisas.

Boas-Vindas!

26 ECOTURISMO
Museu Iaiá Procópio: tesouro Kalunga
na comunidade Riachão

38 LITERATURA
Os espíritos da mata

28 EDUCAÇÃO
A última carta de Paulo Freire

40 MEIO AMBIENTE
Sobre as comunidades
de fundo e fecho de pasto

29 BIODIVERSIDADE
Jacitara: palmeira trepadeira

42 SAGRADO INDÍGENA
Watu, um rio em coma

34 AMAZÔNIA
“Espalha”

46 SUSTENTABILIDADE
Por que humanos
escravizam humanos?

36 GASTRONOMIA
Como as espanholas
preparam o bacalhau

48 UNIVERSO FEMININO
Alzira Rufino: “Se poder é bom,
mulher negra quer poder”

37 HISTÓRIA SOCIAL
A catapulta

Xapuri Loja Solidária

Imagem do mês

@xapuri_lojasolidaria

Marque suas melhores fotos do
Instagram com a hashtag

#revistaxapuri

Sua foto pode aparecer AQUI!



SAMBA-ENREDO: A LITERATURA REBELDE

Jaime Sautchuk



Foto: Divulgação

O samba-enredo é parte de um gênero musical (o samba), é cultura, é história, é folclore e é especialmente literatura. Como peça literária, nos 65 a 82 minutos de duração que precisa ter o desfile, em muitos casos narra a História do Brasil e traça perfis de seus personagens, sempre com alguma mensagem além dos fatos que descreve.

O samba é um gênero musical bastante novo, já que nasceu nas quebradas do Rio de Janeiro no início do século XX, o século passado, pois. E o samba-enredo é ainda mais recente, de meados da década de 1940, também no Rio, como forma de preencher musicalmente os desfiles das escolas na avenida – ou no Sambódromo, como sugere a modernidade.

Antes disso, as escolas desfilavam ao som de músicas variadas, que nada tinham a ver com o tema do desfile. Hoje não, há regras bem definidas pra todos os aspectos da apresentação. Cada agremiação define o tema do seu desfile e escolhe uma música que fala daquele enredo, montando uma história em torno dele, em versos e rimas, no formato de samba-enredo.

Martinho Filho, filho do sambista e grande compositor Martinho da Vila (Isabel), conta que, quando eram crianças, ele e suas irmãs causavam furor nos colégios que frequentavam, pelo tanto que sabiam de disciplinas como História e Geografia. Esse conhecimento vinha dos sambas-enredo que decoravam ou liam com atenção, no caso de serem de outras escolas, em cada período de Carnaval.

“Os professores chegavam a desconfiar de nós três que sempre dávamos as mesmas respostas às questões... graças aos maravilhosos sambas-enredo que compunham o antológico LP chamado Samba-Enredo, que meu pai havia organizado, em 1980”, conta ele. E arremata: “Em 2008, já adulto, regravamos os sambas pela gravadora Biscoito Fino, convidando grandes intérpretes da música brasileira para interpretá-los e revivê-los, com uma cartilha para acompanhar o CD”.

O desfile de uma escola de samba deve seguir algumas regras, que definem os itens a serem apresentados e o formato em que isso deve ocorrer. O casal de mestre-sala e porta-bandeira, por exemplo, é avaliado de acordo com especificações rígidas.

O mestre-sala não deve ficar de costas para sua companheira, rodopiando ao seu redor, como se a estivesse protegendo. Ela não pode, em hipótese alguma, deixar que a bandeira se enrole. A apresentação dura, em média, dois minutos e meio. Mas o quesito não tem tempo determinado.

Todo ano, fatos históricos se misturam com temas da atualidade, especialmente aqueles que são vítimas de má vontade da mídia e são pouco divulgados. Em recente artigo no jornal O Estado de S. Paulo, o escritor Luis Fernando Veríssimo se lembra da ex-vereadora Marielle Franco (PSOL-RJ). Vejamos um trecho:

Vem aí outro Carnaval, trazendo lembranças de outros carnavais, que trazem lembranças de outros, que lembram outros que, por sua vez, lembram outros, e assim por diante – ou para trás, até o primeiro tamborim. O Carnaval deste ano vem carregado de memórias especiais, e não foi preciso ir muito longe para evocá-las.

Basta lembrar a Mangueira do ano passado, a Mangueira do belo samba-enredo História para Ninar Gente Grande, da Manu da Cuica e do Luiz Carlos Máximo, e do inesquecível clipe do samba gravado para a TV pela Cacá Nascimento.

A Mangueira política, a Mangueira campeã. O começo – imaginaria você – de um levante, ou coisa parecida, contra o esquecimento que ameaçava apagar a Marielle Franco da memória nacional, não como um estorvo, mas como alguém que nunca existiu.

O samba-enredo da Mangueira de 2019 citava Marielle entre outras guerreiras brasileiras, mas uma das alas do desfile incluía grandes retratos dela, aplaudidos pelo público.

Não se espera que uma escola de samba tenha o poder de denunciar assassinos e cobrar justiça a céu aberto, mesmo com um samba empolgante, mas o que desfilou na avenida aquele dia foi a ausência da Marielle, ao som de “Marielle presente” gritado da arquibancada. A ausência-presente de Marielle já dura muito. Dura desde o outro carnaval!

Quem matou Marielle? Quem mandou matar Marielle? Doutor Moro, é com você. Como vai a investigação sobre a morte de Marielle? Alguém sabe? Alguém se interessa em saber? Não é uma vergonha para a nação esse grande silêncio em meio à batucada?

GRAVAÇÕES

As gravações de sambas-enredo são hoje habituais, mas nem sempre isso ocorreu.

O primeiro samba-enredo gravado foi “Exaltação a Tiradentes”, de Fernando Barbosa Júnior e Mano Décio da Viola, Estanislau Silva e Penteado, pelo cantor Roberto Silva, com o título reduzido para simplesmente “Tiradentes”, para o Carnaval de 1955, mas obteve pouca repercussão. O samba tinha sido apresentado originalmente pela Império Serrano, em 1949.

Em 1967, o samba-enredo da Mangueira “O Mundo Encantado de Monteiro Lobato” fez sucesso no Brasil inteiro, em gravação de Eliana Pittman. Essa peça estimulou o lançamento do primeiro álbum de sambas-enredo, que reunia todos os sambas do ano, em 1968, intitulado “Festival do Samba”.

A vida imaginária dos personagens infanto-juvenis criados por Monteiro Lobato, que era de Taubaté, em São Paulo, em meio a temas de interesse nacional pelos quais o autor lutava, como o do “Petróleo é Nosso”, ganhou força com o desfile. A criação da Petrobrás também.

Até 1947, as escolas de samba cantavam dois ou três sambas, que não faziam alusão ao enredo, durante

o desfile. Eram compostos de um refrão, elaborado com antecedência, e, durante o desfile, eram feitas improvisações que davam volume a essas composições.

Em 1946, a instituição que, à época, organizava os desfiles das escolas de samba proibiu a improvisação, exigindo que todas usassem o samba-enredo, baseado no tema daquele ano.

Ficou famoso nesse ano o caso da escola de samba Prazer da Serrinha, que havia ensaiado o samba-enredo "Conferência de São Francisco" (de Silas de Oliveira e Mano Décio da Viola). No momento do desfile, porém, acabou por apresentar um samba de terreiro, o que levou a escola a uma má colocação e precipitou o surgimento da dissidência Império Serrano, no ano seguinte.

Anualmente, as escolas de samba promovem concursos internos, em que várias músicas são apresentadas ao público em suas quadras. Ao final, normalmente entre os meses de setembro e outubro, uma delas é escolhida como samba-enredo oficial do Carnaval do ano seguinte.

Algumas vezes, opta-se por fundir dois ou mais sambas-enredo que sejam do agrado dos membros da agremiação. O samba campeão embala então a escola durante a fase de preparação, os ensaios técnicos, até ser apresentado no desfile de Carnaval.

O samba-enredo é um dos quesitos avaliados no julgamento dos desfiles das escolas. A evolução da escola depende bastante do andamento do samba e de seu desenrolar na avenida. Algumas escolas preferem o samba mais calmo; outras, muito agitado; ou, ainda, mais romântico.

Tudo depende de seu estilo de desfile, que pode mudar de um ano pro outro. Escolas de samba que tradicionalmente se apresentam com uma quantidade muito grande de componentes, em geral, usam uma batida mais rápida, que é uma forma de acelerar o movimento dos foliões na avenida e manter a harmonia do conjunto.

As gravações contribuem para perpetuar os sambas-enredo no imaginário popular e para embalar folias outras além dos grandes desfiles.

SAMBA

O samba é um gênero musical e dança com origem na cidade do Rio de Janeiro. A gravação da música *Pelo Telefone*, de 1916, é considerada o seu marco fundador.

O samba deriva de um folguedo com notável influência africana que emergiu na Bahia, o samba de roda. Este, por sua vez, guarda semelhanças com o coco, dança de roda mais antiga surgida na então Capitania de Pernambuco, com influência dos batuques africanos e dos bailados indígenas.

Apesar de ser, enquanto gênero musical, resultante de estruturas musicais europeias e africanas, foi com os símbolos da cultura negra brasileira que o samba se alastrou pelo território nacional, tornando-se uma das principais manifestações culturais populares do País.

Embora houvesse variadas expressões folclóricas no Brasil que se originaram do batuque (no Maranhão, em Pernambuco, na Bahia, em Minas Gerais e em São Paulo) sob a forma de diversos ritmos e danças

populares regionais, o samba é entendido como uma expressão cultural urbana surgida no início do século XX na cidade do Rio de Janeiro.

A presença de baianas nas casas das chamadas "tias baianas" – migrantes da Bahia, que deixavam Salvador e iam se fixar no Rio, a nova capital do País –, comprovam a origem do samba. Foi ali que o samba de roda, entrando em contato com outros gêneros musicais populares entre os cariocas, como a polca, o maxixe, o lundu e o xote, fez nascer um gênero de caráter totalmente singular.

No início do século XX, a literatura carioca já registrava frequentemente o termo samba, que àquela altura estava cada vez mais distante de sua inspiração folclórica e mais próximo das situações em que diziam respeito ao ambiente urbano e já mestiçado da então capital brasileira.

Comparado com o maxixe e o tango, o samba aos poucos estava sendo pavimentado e, já dispondo de instrumentos percussivos, foi gradualmente ganhando popularidade como ritmo musical do Rio de Janeiro.

Avó do compositor Bucy Moreira, Tia Ciata foi uma das responsáveis pela sedimentação do samba carioca. Uma das principais lideranças negras da Cidade Nova, Ciata comandava uma pequena equipe de baianas que vendia doces e quitutes, confeccionava trajes de baianas para os clubes carnavalescos oficiais e era muito respeitada por parte da elite carioca.

Segundo o folclore de época, para que um samba alcançasse sucesso, ele teria que passar pela casa de Tia Ciata e ser aprovado nas rodas de samba das festas, que chegavam a durar dias.

Ainda nas primeiras décadas do século XX, o samba urbano carioca começou a ser propagado pelo país.

No início, foi um samba associado ao Carnaval, posteriormente adquirindo um lugar próprio no mercado musical. Surgiram muitos compositores, como Hilário Jovino Ferreira, Heitor dos Prazeres, João da Baiana, Pixinguinha, Donga e Sinhô, mas os sambas destes compositores eram amaxixados, conhecidos como sambas-maxixe.

Os contornos modernos desse samba urbano viriam somente no final da década de 1920, a partir de inovações em duas frentes: com um grupo de compositores dos blocos carnavalescos dos bairros do Estácio de Sá e Osvaldo Cruz e com compositores dos morros da cidade, como em Mangueira, Salgueiro e São Carlos.

Não por acaso, identifica-se esse formato de samba como "genuíno" ou "de raiz". À medida que o samba no Rio de Janeiro consolidava-se como uma expressão musical urbana e moderna, ele passou a ser tocado em larga escala nas rádios, espalhando-se pelos morros cariocas e bairros da zona sul do Rio de Janeiro. Inicialmente criminalizado e visto com

preconceito, por suas origens negras, o samba conquistaria o público de classe média também.

O samba moderno urbano tem ritmo basicamente 2/4 e andamento variado, com aproveitamento consciente das possibilidades dos estribilhos cantados ao som de palmas e ritmo batucado, e aos quais seriam acrescentados uma ou mais partes, ou estâncias, de versos declamatórios. Tradicionalmente, esse samba é tocado por instrumentos de corda (cavaquinho e vários tipos de violão) e grande número de instrumentos de percussão, como o pandeiro, o surdo e o tamborim.

Com o passar dos anos, outros instrumentos foram sendo assimilados, e se criaram novas vertentes oriundas dessa base urbano carioca de samba, que ganharam denominações próprias, como o samba de breque, o samba-canção, a bossa nova, o samba-rock, o pagode, entre outras.

No ano de 1930, o samba foi alçado da condição "local" à de símbolo da identidade nacional brasileira, passando a ser considerado a música nacional do Brasil, ressignificação dada pelo governo de Getúlio Vargas para fins de propaganda. Dessa forma, o gênero atingiu todas as regiões do país.

Agremiações carnavalescas, sambistas e organizações de Carnaval, com o samba na ala musical, ganharam espaço em todo o território nacional, mesmo onde outros estilos musicais predominam (por exemplo, nas regiões Sul e Centro-Oeste e em todo o interior rural brasileiro, onde o sertanejo é o estilo mais popular). Em 2005, o samba de roda se tornou Patrimônio da Humanidade, com título da UNESCO.

CARNAVAL

Sempre relacionado ao samba, nos dias atuais, o Carnaval é muitíssimo mais antigo que o gênero musical. Festas populares, muitas delas pagãs, existentes desde o Egito antigo, passando pelo Império Romano e a Idade Média Ocidental, são apontadas como as origens desse folguedo popular.

Embora sendo parte do calendário cristão, particularmente em regiões católicas, muitas tradições carnavalescas se assemelham àquelas do período pré-cristão. Acredita-se que o Carnaval italiano, por exemplo, seja em parte derivado das festividades romanas antigas da *Saturnalia* e da *Bacchanalia*. As Saturnálias, por sua vez, podem ser baseadas nas festas dionisíacas da Grécia Antiga e em festivais orientais.

Cansada de tentar punir os festeiros, a Igreja Católica resolveu adotar o Carnaval como parte da sua liturgia, encaixada em período próximo (47 dias antes) da Páscoa. No entanto, a festa nunca perdeu seu conteúdo pagão, com apego a fantasias e máscaras, que, em tese, eliminam as diferenças sociais naqueles dias.

É bem verdade que a ligação do Carnaval com o samba, embora predominante em nossos dias,

não é exclusiva. Bom exemplo é o dos folguedos momescos da Bahia, com os trios-elétricos, em que se emprega um gênero musical próprio, o axé.

A guitarra elétrica e outros instrumentos de cordas foram introduzidos nas festas há algumas décadas. Mas podemos citar exemplos de gêneros musicais e danças mais tradicionais, como o frevo, o maracatu e outros ritmos de Olinda e Recife, no Pernambuco. Tudo cabe, no Carnaval.

Em todos os pontos do País, longe ou perto do mar, os blocos carnavalescos são presença constante, no mais das vezes como maneira de dar um caráter local aos festejos, nos bairros ou comunidades. É comum, também, o caráter político dados a esses grupos, com músicas e gestos de protesto ou reivindicação. Aos governos de plantão, cabe apenas a tolerância, já que reprimir só faz piorar a situação.

Um caso típico – e famoso no País inteiro – é o do Bloco do Pacotão, criado em 1979, por um grupo de jornalistas de Brasília.

Seu nome já é uma alusão a um pacote de medidas editado pelo general Ernesto Geisel, então presidente da República. E a letra do seu primeiro samba, de nome "Aiatolá", é uma homenagem ao líder iraniano que estava prestes a derrubar a ditadura reinante em seu país.

A música falava da ditadura daqui e pedia ajuda. A letra diz: "Ai, Aiatolá, venha nos salvar, que esse governo já ficou Ga-ga-ga-ga-Geisel, você nos atolou, o Figueiredo também vai atolar".

Com a ascensão de líderes evangélicos a cargos públicos, em muitos lugares as festividades de Carnaval perderam o apoio oficial e até passaram a ser perseguidas. É o caso do próprio Rio de Janeiro, onde o pastor Marcelo Crivela, prefeito municipal, é avesso a esses festejos e faz de tudo na esperança de que não ocorram – uma doce ilusão, como comprovam os fatos, graças a Deus.



Foto: Divulgação



Foto: Divulgação

REBELDIA

As letras dos sambas-enredo, mesmo quando exprimindo revolta e indignação, não são diretas e agressivas no seu linguajar, como eram as músicas de protesto da época dos nossos festivais, por exemplo. Elas têm uma postura rebelde, que implica em algo mais amplo do que as palavras e melodias. Assumem um jeito diferente de encarar a vida, de narrar a História, dando voz aos mais fracos, dando vez aos mais humildes.

Esta, aliás, sempre foi uma das mais fortes características das escolas de samba do Rio. É certo que várias delas tenham, em diversas ocasiões, aceitado o desfile chapa-branca, recebendo altas quantias de dinheiro pra defender um tema ou encampar algum enredo de interesse de um patrocinador.

No entanto, o mais comum às escolas cariocas é estreitarem seus laços com a comunidade, esteja ela onde estiver. Suas alas de compositores são, normalmente, formadas por bons compositores, gente sensível aos anseios e demandas populares. Gente que vive no meio do povo e que, na hora de compor as letras, usa o próprio vocabulário das comunidades, sem falar na forma de abordar o enredo escolhido por sua escola.

Os temas indígenas, por exemplo, são constantes nos carnavais do Rio de Janeiro e do Brasil inteiro, não apenas por conterem as cores e toda a simbologia dos povos das florestas, pra falar de índios da Amazônia. Mas porque nos silvícolas há uma forma diferente de viver, mais próxima do gosto popular, e há, de igual modo, uma forte relação com a Natureza, com o meio ambiente. Há menos atrelamento ao consumismo, ao lucro, ao dinheiro e a esses símbolos capitalistas.

TIRADENTES

Dentre os grandes sambas-enredo, destaca-se “Tiradentes”, na ocasião gravado por Chico Buarque de Holanda. É considerado o maior samba-enredo de todos os tempos. A impressão que se tem é de que seus autores conseguiram retratar nesta peça, de forma concentrada, tudo aquilo que se poderia dizer num enredo, mas espalhado por muitos outros.

Nele, Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, é apresentado como símbolo-maior da coragem e da luta pela liberdade. A cartilha a que se refere Martinho Filho o descreve como “o primeiro grande mártir da Independência do Brasil, o mascate, tropeiro, minerador, comerciante e médico prático era, também, cirurgião-dentista, daí o apelido de “Tiradentes”.

Era, enfim, um homem pobre, que vivia de ajudar os outros, de lutar contra o domínio português e pela liberdade, que começava pela separação do Brasil do domínio colonial. No movimento denominado “Inconfidência Mineira”, ele encontrava caminhos aos seus combates, mas chama atenção o fato dele ter sido o único condenado à morte – e executado na forca.

Esse fato também é destacado no samba-enredo. Estas duas estrofes, com o refrão desta obra-prima, dão uma ideia do seu volume:

EXALTAÇÃO A TIRADENTES

**Joaquim José da Silva Xavier
Morreu a 21 de abril
Pela Independência do Brasil
Foi traído e não traiu jamais
A Inconfidência de Minas Gerais
Foi traído e não traiu jamais
A Inconfidência de Minas Gerais**

**Joaquim José da Silva Xavier
Era o nome de Tiradentes
Foi sacrificado pela nossa liberdade
Este grande herói
Pra sempre há de ser lembrado**



Jaime Sautchuk
Jornalista. Escritor

CARNAVAL E POLÍTICA: SIMBIOSE SEM VOLTA

OS 10 MOMENTOS MAIS POLITIZADOS DA HISTÓRIA DAS ESCOLAS DE SAMBA DO RIO DE JANEIRO

Racismo, exploração, escravidão, desigualdade e luta – todos esses são temas necessariamente presentes, direta ou indiretamente, nos carnavais e desfiles. Assim, o Portal Geledés (<https://www.geledes.org.br/>) introduz matéria de Vitor Paiva, publicada originalmente no Hypesness (<https://www.hypesness.com.br/>), no ano de 2018, sobre os 10 momentos mais politizados da história das escolas de samba do Rio de Janeiro. Complementamos (e editamos, por limitação de espaço) a lista de Paiva com a inclusão do samba-enredo da Mangueira, de 2019. Vale a pena conferir:



01. ZUMBI DOS PALMARES (Salgueiro – 1960): Até 1960, a história da resistência à escravidão jamais tinha sido contada em um desfile de escola de samba. Naquele ano, o carnavalesco Fernando Pamplona colocou na Avenida figurantes vestidos de escravos, para contar a história de Zumbi dos Palmares. Os jurados tentaram dar o título à Portela, mas a pressão popular foi tão grande que acabaram obrigados a dividir o campeonato entre as cinco primeiras escolas – e assim, com muita luta e justiça, o Salgueiro conquistou seu primeiro título e seu lugar na história.

02. IEMANJÁ (Império Serrano e São Clemente – 1966): O racismo que imperou na elite brasileira desde a tardia abolição da escravatura (1888), colocou também as afirmações culturais negras marginalizadas e perseguidas. Por muitos anos, falar em candomblé ou orixás era proibido em um desfile. Em 1966, mais de 30 anos depois dos primeiros desfiles, pela primeira vez um orixá foi citado em um samba-enredo, por um gesto corajoso por parte das escolas Império Serrano e São Clemente – que vinham com enredos homenageando a Bahia e citaram Iemanjá.



03. HERÓIS DA LIBERDADE (Império Serrano – 1969): Nesse ano, o Império Serrano desafiou abertamente a ditadura militar. Poucos meses após o AI-5 (que empurrou o país para o buraco sem fundo das torturas, mortes, e da corrupção da fase mais autoritária e terrível da ditadura), a escola saiu com o enredo *Heróis da Liberdade*, numa clara posição crítica ao regime. Mesmo tendo de ser alterado – a palavra “revolução” teve de ser trocada, por exemplo, por “evolução”, o samba de Silas de Oliveira, Mano Décio e Manoel Ferreira tornou-se um hino de celebração à liberdade e de homenagem a outros sambistas.

04. MACOBEBA (Tijuca – 1981): O carnavalesco Renato Lage homenageou o livro *Manuscrito Holandês*, de Manoel Cavalcanti Proença. A história da luta do herói caboclo Mitavaí contra o terrível Macobeba tornou-se metáfora para falar do povo oprimido e pobre, da repressão política e da luta desse povo. No início da década de 1980, a abertura já havia começado, mas a ditadura ainda não havia chegado ao fim, e Macobeba, no desfile, foi visto como o dinheiro, o poder, o regime. O verso final do samba, que diz: “Maldito bicho/ se me ouviu/ e não gostou do meu samba/ vai pra longe do Brasil”, era invariavelmente substituído por um sonoro palavrão pelo público na Avenida.





05. RATOS E URUBUS (Beija-Flor – 1989): Joãozinho Trinta levou para a Avenida o enredo *Ratos e Urubus*, *larguem a minha fantasia*, em um dos mais belos, icônicos e politizados momentos da história dos desfiles. Em meio ao luxo, Joãozinho colocou um Cristo Redentor vestido de mendigo em meio à miséria. A arquidiocese do Rio de Janeiro recorreu à justiça para proibir o Cristo mendigo. O carnavalesco decidiu que seu Cristo sairia mesmo assim – ainda que coberto por um saco preto de lixo –, com uma placa em que se lia: “Mesmo proibido, rogai por nós”. A Beija-Flor não ganhou o título daquele ano, mas é esse o desfile que a história lembrará como, talvez, o mais icônico momento político de todos os desfiles.

06. BETINHO (Império Serrano – 1996): As políticas econômicas do governo FHC, que afetavam direitos trabalhistas, agravavam a fome e a desigualdade de renda brasileira, eram a pauta do dia, e Betinho, oriundo da luta contra o regime militar, representava justamente a guerra contra a fome no país. “Democracia e miséria são incompatíveis”, dizia Betinho, denunciando também a falta de compromisso do então governo com as classes mais pobres. A escola ficou em sexto lugar, mas esse foi provavelmente o momento mais politizado da década de 1990 no Sambódromo carioca.



07. XINGU X AGRONEGÓCIO (Imperatriz – 2017): O enredo *Xingu – o clamor que vem da floresta* fez justas críticas às investidas das elites contra a demarcação de terras indígenas e os direitos das populações originárias, citando o agronegócio como “o monstro que roubou as terras dos seus filhos, devora as matas e seca os rios, tanta riqueza que a cobiça destruiu”, como diz o samba de 2017. Diversas associações ligadas ao agronegócio e até senadores tentaram proibir e mesmo censurar de modo geral os desfiles.

08. PRESIDENTE VAMPIRO (Tuiuti – 2018): Com um enredo contundente: *Meu deus, meu deus, está extinta a escravidão?* A Tuiuti mostrou como a escravidão e seus efeitos permanecem até hoje. Além de uma sucessão de carteiros de trabalho desfilando, como crítica às impopulares reformas trabalhista e da previdência do governo, no final do desfile o presidente Michel Temer veio caracterizado como um “vampiro neoliberalista” – como o vampiro da escravidão moderna.



09. MANIFESTOCHES (Tuiuti – 2018): Os “Manifestoches” do Tuiuti entraram, para a iconografia crítica dos carnavais. Fantasiados como o pato de borracha da FIESP, com camisas aludindo ao verde e amarelo da CBF e panelas nas mãos (símbolos das manifestações que pressionaram pelo impeachment da presidenta Dilma), grandes mãos sobre os foliões, manipulando as cordas que os conduziam como fantoches, simbolizaram a grande mídia e as elites.

10. SANGUE RETINTO (Mangueira – 2019): Com “*Canção para ninar gente grande*”, a campeã Mangueira conta a História que a História não conta sobre a luta do negro, do índio, da mulher, do pobre. Assim, a escola não somente homenageia Marielle Franco como tira, na Avenida, a máscara dos assassinos e mandantes dos heróis e heroínas do Brasil nesses mais de 500 anos de Resistência.



VERSOS DE CRÍTICA REBELDIA NOS SAMBAS-ENREDO DO CARNAVAL DE 2020

Mantendo a tradição, em 2020 as escolas de samba do Rio de Janeiro colocam na Avenida o sentimento do povo em versos de crítica e rebeldia



GRANDE RIO

“Tatalondirá – O Canto do Caboclo no Quilombo de Caxias”

(...)
Pelo amor de Deus, pelo amor que há na fé
Eu respeito seu amém
Você respeita meu axé
(...)

Autores: Derê, Robson Moratelli, Rafael Ribeiro e Toni Vietnã

MANGUEIRA

: “A Verdade Vos Fará Livre”

(...)
[Favela], favela, pega a visão
Não tem futuro sem partilha
Nem messias de arma na mão
(...)

Autores: Manu da Cuica e Luiz Carlos Máximo



PORTELA

: “Guajupia, Terra Sem Males”

(...)
Índio pede paz, mas é de guerra
Nossa aldeia é sem partido ou facção
Não tem bispo, nem se curva a capitão
(...)

Autores: Valtinho Botafogo, Rogério Lobo, José Carlos, Zé Miranda, Beto Aquino, Pecê Ribeiro, D’Sousa e Araguaci

SALGUEIRO

“O Rei Negro no Picadeiro”

(...)
Na pele, o tom da coragem
Pro que está por vir
Sorrir é resistir
(...)

Autores: Marcelo Motta, Fred Camacho, Guinga do Salgueiro, Getúlio Coelho, Ricardo Neves e Francisco Aquino



SÃO CLEMENTE

“O conto do vigário”

(...)
Tem laranja!
Na minha mão, uma é três e três é dez
Hoje, o vigário de gravata
Abençoa a mamata
(...)

Autores: Marcelo Adnet, André Carvalho, Pedro Machado, Gustavo Albuquerque, Gabriel Machado, Camilo Jorge, Luiz Carlos França e Raphael Candeia

ENTERREM MEU CORAÇÃO ATRÁS DO MORRO DO ESTREITO

Altair Sales Barbosa

“ORAÇÃO PELA VIDA CORRENTINA”

Lá nos confins dos sertões, entre Goiás e Bahia, onde o maciço calcáreo da Serra Geral repousa docemente seu dorso sob um manto de areia fina, depositada pelo sopro milenar de ventos mutantes, existia, há muito tempo, um deserto conhecido pelo nome de Urucuia. Nessa época, quase não existia vida por lá e tempestades de areia constantemente surgiam ao longo do horizonte, como um balé macabro unindo o céu e a terra.

Muito tempo se passou, e as condições do clima, com sua habitual preguiça, aos poucos se modificaram. Nuvens carregadas, passando por lá, salpicavam de pétalas o areião e a serra que, sabiamente, retinham as sobras pelos poros subterrâneos, formando um rico lençol aquífero. Não se viam mais as tempestades de areia. A vida brotava na forma de folhas e troncos aqui e ali, formando campinas e gerais. Na frente da serra, surgiam os olhos que, comovidos de tanta alegria, marejavam lágrimas deslizantes sobre o solo frouxo de areias, formando sulcos que iam *verediando* na direção do sol nascente.

Os olhos viraram lagoas, as lágrimas eram rios. Por onde passavam, enriqueciam vida. Brotavam buritis, buritiranas, pororocas, gameleiras, ingás, ipês-amarelos, muçambés, até cipós e jenipapo. Ao largo, como um abraço carinhoso, surgiram jatobás, paus-d’óleo, paus-ferro, cagaitas, pequis, mangabas, puças, vinháticos, cajus, cascudos, araçás, bacuparis, grãos-de-galo e tantos outros que seriam necessários muitos janeiros para contar suas histórias.

Buriti atraiu a arara que, com seu grito ressoante, avisou a bicharada da descoberta daquele paraíso. Vieram emas, capivaras, seriemas, veados, periquitos, tatus, sabiás, cervos, canarinhos, mutuns, calangos, lagartixas, tamanduás, antas e até bichos-preguiça eram vistos fazendo malabarismos nos galhos da embaúba.

As frutas que caíam n’água atraíam toda sorte de peixes que, num balé sincronizado, passeavam subindo e descendo rios.

O sol ainda tingia de dourado o orvalho nas folhas de buritirana, quando, por detrás da vasta vereda, um bando de gente inaugurava uma nova era. Eram os índios, os primeiros seres humanos a chegarem na região. Isso foi há muito tempo e por quase quinhentas e cinquenta gerações. Essas populações, se enamorando da paisagem, elegeram como prioridade a harmonia, e assim viveram durante séculos.

Um belo dia, muito tempo depois, outros seres humanos, procurando pepitas douradas entre os

cascalhos dos rios, redescobriram aquele paraíso e, ao longo desses rios de águas cristalinas, construíram suas vidas, implantaram suas cidades, seus roçados, suas oficinas de farinha, seus canaviais e suas moedas.

Quando a seca afetava as pastagens da Caatinga, os vaqueiros, entoando cantigas de aboio, transportavam o gado para os gerais e assim construíram uma vida de migrações sazonais.

Como um feixe de luz, os rios entraram no cotidiano das populações, dando-lhes o sustento, influenciando nos seus hábitos de maneira tão forte que, ainda hoje, quando os ventos sopram de leste para oeste, ainda soam na lembrança os versos daquela cantiga de roda dizendo que o navio da cachoeira não navega mais pro mar...

Os rios passaram a ser um pouco da vida dessa gente, um pouco da pessoa amada, o pai, a mãe e os filhos. Saciando a sede, higienizando e acariciando os corpos bronzeados pelo sol do meio-dia.

Quando o perigo iminente ameaçava descristalizar suas águas, as carrancas do Velho Guarany se posicionavam como guardiões do bem, expulsando para longe as ameaças vadias.

Um belo dia, numa época bem recente, homens estranhos, com chicotes e boleadeiras, aterrorizando as carrancas, subiram os rios em direção às suas cabeceiras e ocuparam os chapadões.

Era o caos! As campinas minguardam e bancos genéticos valiosos foram substituídos por grãos estranhos. Máquinas pesadas, semelhantes a dragões acorrentados, atiraram ao chão as plantas raquíticas dos gerais.

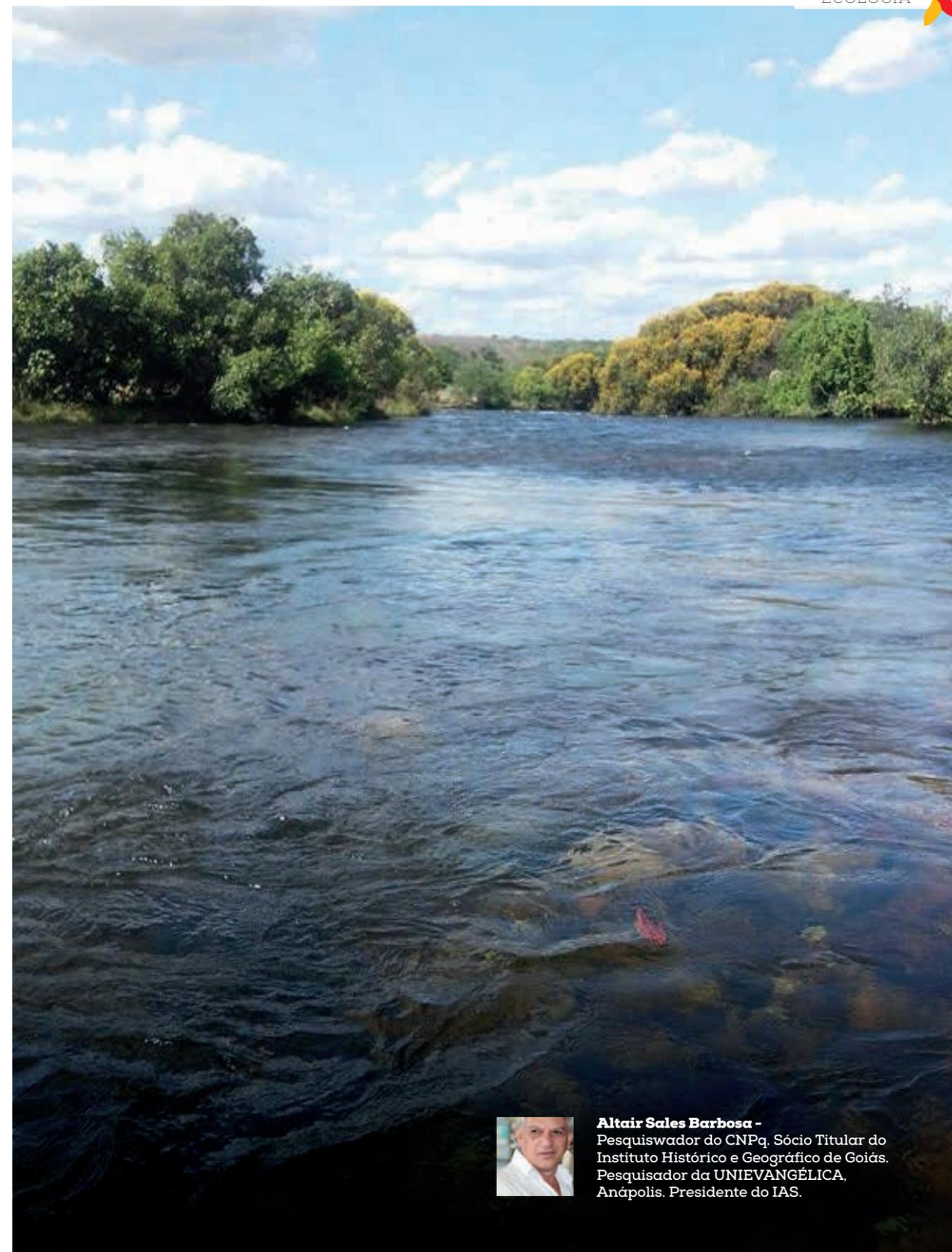
Árvores exóticas surgiram em alguns locais, como um ralo de esgoto, exaurindo os recursos públicos. Roçaram as veredas, as bombas sugadoras do pivô central começaram a devolver ao rio o veneno usado para imunizar as novas lavouras.

Os buritis desfolhados começaram a presenciar a desestruturação da vida dos brejeiros.

E assim, a vida foi canalizada pelos meandros de má qualidade.

Os solos encharcados das veredas aos poucos se transformaram em pedra dura, e a água dos rios, diminuindo, expôs nos barrancos os seixos arredondados que outrora repousavam no leito farto desses rios.

Por isso, quando os ventos da desolação soprarem rajadas de pobreza e o povo, desorientado, clamar por salvação, enterrem meu coração atrás do morro do Estreito. Não quero ver a pedra do lajedo agonizando de sede, clamando por uma gota de água.



Altair Sales Barbosa -
Pesquisador do CNPq. Sócio Titular do
Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.
Pesquisador da UNIEVANGÉLICA,
Anápolis. Presidente do IAS.



Foto: CONAOC/ divulgação

CANTIGAS DA SUSSA

Iêda Leal

Neste mês do Carnaval, a maior festa popular do planeta, celebramos a cultura ancestral das mulheres Kalunga, expressada na Sussa, dança movida ao repique das caixas, ao toque rápido das bruacas e à cantiga de versos simples e variados, como a cantiga do marimbondo, que elas dançam rodopiando, como se estivessem coçando umas às outras, como se estivessem sido picadas por marimbondos.

*Levanta a saia, mulata,
não deixa a saia molhar.
A saia custou dinheiro,
Dinheiro custa a ganhar.*

*Ô menina, o que você tem?
Marimbondo, sinhá,
marimbondo, sinhá.
É hoje, é hoje
que a palha da cana voa.
É hoje, é hoje
que tem de avoar.*

*Rainha de ouro,
de ouro só.
Esse rei é de ouro,
de ouro só.
Ô sala de vadiar,
varanda.
Ô sala de vadiar,
Varanda.*



Iêda Leal -
Coordenadora Nacional do
MNU.





QUEM SÃO OS TATUS?

Emir Sader

Quem olha para o Brasil de hoje não consegue entender como chegamos ao que vivemos atualmente. Nove de dez ou dez de dez pessoas que expressam minimamente suas ideias, que representam gente na sociedade, criticam, de forma mais ou menos dura, o presidente que o Brasil tem hoje. As pesquisas escondem que entre os formadores de opinião a imagem do atual presidente do Brasil é péssima, rejeitada por quase todo mundo.

Quem apoia o presidente e seu governo não costuma expressar as razões. Há os que elogiam sua política econômica – razão pela qual o empresariado e boa parte da mídia apoiam o governo –, mas não conseguem articular essa posição com sua visão mais geral do governo.

Não conseguem dizer como um presidente que xinga seus adversários, que trata a mídia como adversária desqualificada, que exhibe a pior imagem do Brasil no mundo, que defende os piores valores, que briga com aqueles que o apoiam, que fere toda forma de decoro que seu cargo minimamente exige – como esse personagem pode ser responsável por uma política econômica que eles consideram favorável ao Brasil.

Como uma pessoa que vários órgãos da mídia – senão todos – afirmam em seus editoriais que não tem condição de ser presidente faz uma política econômica que eles consideram correta, a melhor para o Brasil?

Enquanto um professor universitário, com tantos atributos que eles considerariam mais

favoráveis para exercer o cargo, não foi apoiado por eles, que preferiram essa pessoa monstruosa? Porque aquela pessoa pregava outra política econômica para o Brasil.

Porque seu governo representaria a prioridade das políticas sociais, para diminuir as desigualdades no país mais desigual do continente, porque representaria garantir e estender os direitos da massa da população. Em suma, na linguagem corrente, representaria a volta de um governo do PT.

A razão fundamental pela qual tanta gente votou no atual presidente foi a hostilidade ao PT e a rejeição a um governo petista, com essas características. Preferiram entregar o país a um aventureiro do que conviver com um governo de desenvolvimento econômico com distribuição de renda.

Entre o atual presidente e Haddad, preferiram aquele, na hora de decidir os destinos do Brasil, sabendo quem era ele. Agora muitos dizem que se arrependem. Mas não dizem como puderam fazer aquela escolha. Como puderam colocar o tatu lá em cima, já que tatu não sobe lá sozinho?

Votariam em quem, se as eleições fossem hoje? De novo em qualquer um, menos no PT? Querem o caso inexistente de alguém que defenda sua política econômica neoliberal, mas sem votos, sem apoio popular? Ou voltariam a preferir quem detém votos pelos apelos ao que de pior tem as pessoas: as discriminações, os ódios de classe, as ofensas no lugar do debate, as exclusões no lugar da convivência na diversidade?

Esse alguém não existe hoje no Brasil. Existiu com FHC, que dilapidou a possibilidade de políticas de direita com apoio popular, fazendo com que os candidatos do seu partido fossem em seguida sucessivamente derrotados por quatro vezes. E que, nas eleições de 2018, não superavam os 5% de votos.

Só restou à direita, que tem no neoliberalismo sua essência, um líder como esse, que eles rejeitam no estilo de governar, mas toleram na política econômica. A forma e o conteúdo coincidem: só mesmo um tipo desqualificado como esse pode obter apoio suficiente para se eleger, mediante tramoias e ilegalidades. Só um tipo assim conseguiu, dessa forma, impedir o governo do PT.

Quem quer restabelecer um governo democrático, legítimo, com decoro, com respeito internacional, com apoio popular, só pode encontrar essa alternativa nos governos que promoveram o crescimento econômico com democratização social, que o fizeram dentro da democracia, do respeito às diferenças, governando para todos.

Os tatus são os que só atentam para seus mesquinhos interesses econômicos, os que se orientam por valores sectários, fanáticos, de ódio e de exclusão do outro. Eles, com os que agora se dizem arrependidos, colocaram o tatu lá em cima. Fizeram a escolha antidemocrática, a favor dos seus interesses econômicos estreitos e dos preconceitos contra o povo e contra o PT.

Só a democracia pode tirar o tatu lá de cima e substituí-lo por quem representa o povo, os direitos sociais, os interesses da grande maioria, o respeito pela diversidade e a imagem de um Brasil justo e soberano.



Emir Sader
Sociólogo, um dos principais sociólogos e cientistas políticos brasileiros.



Foto: Divulgação

O Sistema de saúde brasileiro está em condições de prevenir e combater uma epidemia por Coronavírus?

O Brasil e o mundo estão atentos a um novo tipo de vírus que está atingindo os humanos pela primeira vez. A transmissão entre pessoas está rápida, a OMS já decretou estado de emergência mundial, e a China tomou medidas extremas como isolar a província de Wuhan, onde o vírus foi inicialmente identificado, proibir o funcionamento de todos os cinemas, cassinos e ambientes fechados do país. A Hyundai acaba de fechar as fábricas de carros na Coreia do Sul. Sem as partes fabricadas na China, não é possível montar carros.

Nas duas últimas décadas, três novos coronavírus apareceram: o SARS, em 2002; o MERS em 2012; e, agora, o que está sendo chamado especificamente de nCoV. Antes do SARS, os coronavírus eram mais conhecidos por provocarem gripes comuns, afetando grupos mais vulneráveis, mas sem consequências sérias. Os coronavírus são todos vírus zoonóticos, ou seja, foram transmitidos aos seres humanos por animais. As informações preliminares indicam que pode ter vindo de cobras. Atualmente, cerca de três em cada quatro novas doenças são zoonóticas.

Há uma fragilidade na maior interação dos humanos com os animais, decorrentes de concentração maior de pessoas em grandes centros urbanos, degradação ambiental, assim como globalização acentuada e mudanças climáticas. Estão sendo alterados os *habitats* naturais dos animais, seus estilos de vida, especialmente como se alimentam. Nos grandes centros urbanos, os animais se alimentam essencialmente de restos de alimentos. Em alguns casos, os humanos se retroalimentam de animais caçados.

Quanto mais alteramos o ambiente natural, maior a probabilidade de mudanças nos ecossistemas que facilitam a emergência de novas doenças. No caso do Brasil, a pouca resposta às queimadas na Amazônia, a diminuição significativa do orçamento para fiscalização ambiental e outras medidas socioambientais recentes contribuem para o quadro, que também é exacerbado pela mudança dos hábitos alimentares. Nossa demanda por carne está aumentando a nível mundial, e a produção animal está se expandindo à medida que diferentes partes do mundo enriquecem e desenvolvem o gosto por uma dieta rica em carne.

“Esta tendência provoca uma contínua ruptura do metabolismo social e do metabolismo existente na

relação entre o mundo social e o natural. (...) Os limites naturais estão sendo superados dramaticamente, colocando em risco tanto a vida humana como qualquer forma de vida na Terra. Registramos um acelerado crescimento das migrações forçadas, provocadas pela combinação entre mudança climática, crise econômica e conflitos políticos. (...) O elemento fundamental para alcançar este objetivo é uma autêntica democratização do poder. Isso exige participação e controle social a partir das bases sociais no campo e na cidade, nos bairros e nas comunidades.” Alberto Acosta, O Bem Viver.

Essas pandemias têm consequências econômicas e para a saúde mundial importantes. As empresas farmacêuticas inicialmente têm pouco incentivo para investir em medicamentos e vacinas, pois o retorno econômico tende a ser menor do que o investimento. No entanto, considerando o conjunto de coronavírus e a probabilidade de que uma nova variação atinja os humanos, há um incentivo para os governos intervirem.

A China, desde o surgimento do nCov, tem investido em obras de saneamento básico, e a velocidade da construção é surpreendente. Em oito dias, foi construído um novo hospital específico para os pacientes infectados em Wuhan. O Vietnã também está construindo hospitais emergencialmente. No Brasil, temos as PECs 187 e 188 que propõem o fim da vinculação de recursos financeiros para a saúde e a educação, propostas de desvalorização do serviço público com o fim da estabilidade, por exemplo.

Só quem pode responder à possível chegada do coronavírus no Brasil é o SUS. Temos a vantagem da centralidade e capilaridade do SUS para lidar com emergências médicas: 46 hospitais do país já estão preparados para lidar com a possível chegada do coronavírus; houve o estabelecimento de medidas de contenção para casos confirmados; o Ministério da Saúde já fez um comunicado para a rede de saúde com a padronização para a identificação de casos suspeitos; estabeleceu-se um centro de operações de emergência, monitorando a situação na China e acompanhando os casos suspeitos no Brasil. O Centro analisa os dados da OMS, China e demais países.

No entanto, as mudanças do financiamento do SUS desde o último ano afetam diretamente a capacidade de resposta, uma vez que a emergência se instale. Há menos receitas e mais

demandas. O Governo Federal prioriza ações com os planos de saúde em detrimento do SUS, o que afeta a capacidade do país em lidar com o coronavírus e outras pandemias futuras.

O SUS também tem outras emergências públicas, como o aumento dos casos de sarampo e outras doenças que já haviam sido praticamente eliminadas; a dengue, que sempre aumenta no início do ano; e a maior demanda pelo sistema desde a recessão econômica, com menos pessoas podendo pagar por um plano de saúde.

Um gargalo conhecido do SUS hoje é a quantidade de leitos na UTI, o que também afeta a capacidade de resposta. No Distrito Federal, o Governo já autorizou os enfermeiros a prescreverem receitas, o que é um desrespeito aos direitos estabelecidos.

Vale ressaltar a importância das áreas de vigilância sanitária e controle epidemiológico – a prevenção ainda é o melhor tratamento, e muito mais eficaz e barato do que somente pensar no atendimento, que é o único que os planos de saúde são capazes de fazer. A resposta do Brasil ao vírus da ZIKA e sua relação com as crianças microencefálicas foi extremamente eficaz e trouxe respostas para todos os países do mundo. Admirável. Temos hoje uma estrutura de vigilância estruturada, eficiente e respeitada.

Quanto a brasileiros/as na China, inicialmente o Governo Federal disse que não faria esforços para retirar essas pessoas da região isolada de Wuhan. Entretanto, após manifestação de quarenta brasileiros, foi enviada uma Medida Provisória para o Congresso Nacional estabelecendo a situação de emergência sanitária, o que facilitaria a retirada de brasileiros/as da China, pois criaria a situação de quarentena. Ademais, o Governo Federal também reconheceu o caso de emergência pública para a doença, o nível 2, o que também facilita a retirada dos brasileiros e brasileiras. É a primeira vez que tal nível é estabelecido sem nenhum caso confirmado da doença.

Novas tecnologias têm sido usadas para a iminência da nova epidemia. A análise de mídias sociais pode ajudar a identificar como os vírus se espalharam inicialmente. Outro benefício foi o uso das plataformas para os cientistas trocarem informações e coordenarem esforços. Eles estão usando o Twitter para chuva de ideias e para apoiarem uns aos outros com informações necessárias.

Os dados até o fechamento deste artigo eram de 20,4 mil casos do novo vírus, que tinha acarretado 426 mortes. O Laboratório de Vírus Respiratórios e Sarampo do Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz) é a referência em nível nacional para o diagnóstico de vírus respiratórios e está diretamente envolvido na resposta brasileira. Mais uma organização pública que também está ameaçada pelas mudanças propostas na legislação para a resposta pública à saúde e à educação.





LOJA XAPURI 100 % SOLIDÁRIA

Cada produto vendido por nós e comprado por você contribui para o fortalecimento de um pequeno empreendimento, de um coletivo de mulheres, de um povo indígena, de um projeto socioambiental, ou de um movimento social.

www.xapuri.info/loja_solidaria



© MITO DO CHIBAMBA

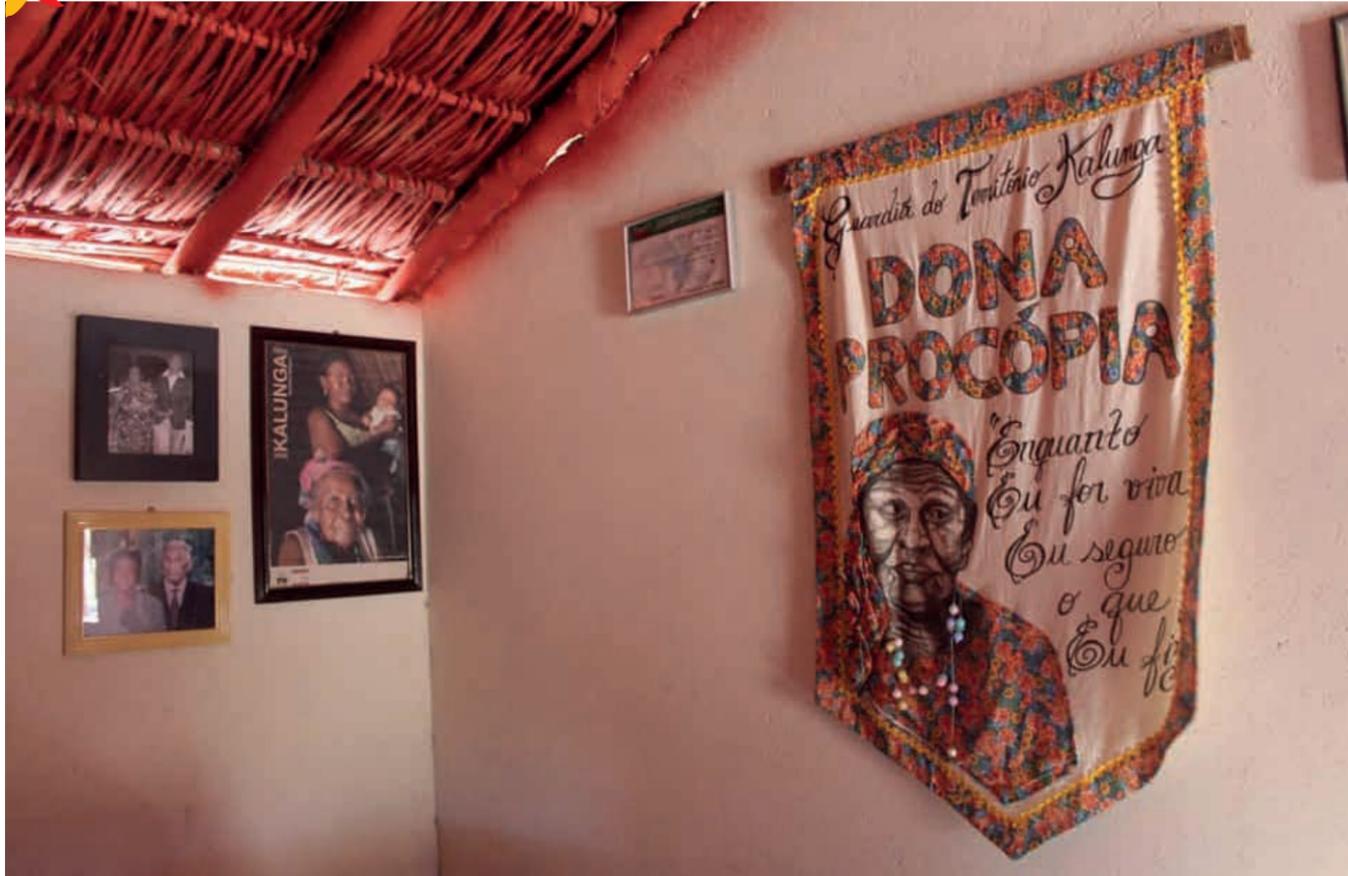
“Euém o Chibamba, neném, ele papa minino, cala a boca...”

Diz a lenda que, nas terras de Minas, quando uma criança não quer dormir é só chamar o Chibamba. Esse bicho papão mineiro era muito conhecido nas antigas fazendas por amedrontar as crianças choronas, teimosas e malcriadas, mas principalmente as que faziam birra na hora de ir pra cama.

Quem um dia topou com o Chibamba diz que ele anda envolto em folhas de bananeira, ronca como um porco e caminha dando cambalhotas, como se estivesse dançando nas noites escuras das serras de Minas.

Contam também que o Chibamba veio da África, com os seres humanos escravizados, e que foi de lá que ele trouxe o costume de se vestir com as folhas da bananeira.

Mesmo agora que os tempos mudaram, que muita criança de roça vê televisão e sabe mexer com celular, o Chibamba continua firme fazendo criança dormir no interior de Minas Gerais.



MUSEU IAIÁ PROCÓPIA: TESOURO KALUNGA NA COMUNIDADE DO RIACHÃO

Zezé Weiss

“Eu sempre escutei que museu é onde se guarda coisa de morto. Pois o meu eu quero em vida, com tudo organizado do meu próprio gosto e jeito.”
Procópio dos Santos Rosa, a Iaiá Procópio, durante a inauguração de seu próprio museu, na comunidade Riachão.

O convite veio da Bia Kalunga, via zap: “Vó Procópio vai inaugurar o museu dela no dia 7 de dezembro [de 2019] e faz questão de sua presença.” Atendendo ao chamado, lá fomos nós.

Depois de uma viagem longa, passando por Teresina de Goiás, distante cerca de 300 quilômetros de Brasília, seguimos por mais 22 km na rodovia asfaltada rumo a Monte Alegre de Goiás e, de lá, uns 500 metros depois da ponte do rio Paranã, dobramos à esquerda em uma tortuosa estrada de terra por mais 60 quilômetros subindo e descendo serra.

Pouco antes da hora do almoço, por volta de uma hora da tarde, avistamos Iaiá Procópio (Procópio dos Santos Rosa, a matriarca do povo Kalunga), toda faceira, sentada na varanda de sua casinha branca, localizada bem do lado do museu que a homenageia em vida, como era de sua vontade.

Feitos os cumprimentos, entramos para conhecer o Museu. Concebido como um espaço cultural, político e identitário, o Museu abriga documentos e fotos de Procópio,

Fotos: Zezé Weiss



moradora da comunidade Riachão desde seu nascimento em 10 de fevereiro de 1933, e de sua luta em defesa do povo Kalunga.

Ali estão, ao lado de peças do artesanato que conta a história e registra a memória da comunidade, os documentos de todo o processo histórico de configuração e consolidação do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga. Em um espaço singelo e pequeno (a sala de exposição não deve ter mais do que 50 metros quadrados), Iaiá Procópio concentra o registro de uma vida inteira dedicada ao seu povo Kalunga.

Vale o registro, do lado de fora, da pintura que adorna a parede externa do Museu, presente de uma artista goiana que passou pelo Riachão, se encantou com o projeto e voltou para fazer a pintura, presente dela para Iaiá Procópio.

O resto do dia foi festa, com almoço regado a delicioso suco de mangaba, danças típicas, como a sussa, e rodas de prosa, seguidas do discurso de vó Procópio que, sem saber ler nem escrever, foi capaz de liderar a conquista do território e da liberdade de seu povo, razão porque julga justo e necessário, construir em vida o museu que registra sua trajetória, do seu próprio gosto e jeito, como ela mesma disse em seu discurso de inauguração.

Longa vida a vó Procópio e vida eterna ao Museu Iaiá Procópio!



Zezé Weiss
Jornalista.

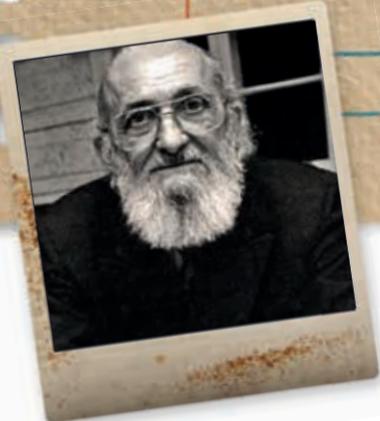
A última carta de Paulo Freire

"(...) Não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor.

Se a educação sozinha não transforma a sociedade sem ela tampouco a sociedade muda.

Se a nossa opção é progressista, se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não de sua negação, não temos outro caminho senão viver plenamente a nossa opção. Encarná-la, diminuindo assim a distância entre o que dizemos e o que fazemos.

Desrespeitando os fracos, enganando os incautos, ofendendo a vida, explorando os outros, discriminando o índio, o negro, a mulher não estarei ajudando meus filhos a ser sérios, justos e amorosos da vida e dos outros."



Paulo Freire - (Recife, 19/09/1921 – São Paulo, 2/05/1997) – Educador. A última carta de Paulo Freire foi publicada pela Folha de São Paulo, em 11/05/1997, com a seguinte nota: "Os textos de Paulo Freire eram escritos à mão e depois digitados no computador pela secretária Lillian Contrera. Com ajuda dela, Freire costumava revisá-los na tela, trocando parágrafos de lugar, substituindo palavras e esclarecendo raciocínios, se preciso. Sua última "carta" não foi revisada."

JACITARA: PALMEIRA TREPadeira

Eduardo Pereira

Henry Walter Bates (1825 – 1892) assim descreve a palmeira jacitara (*Desmoncus polyacanthos* Mart.):

"[...] Há mesmo um gênero de palmeiras trepadeiras (*Desmoncus*), cujas espécies são conhecidas em língua tupi por jacitara. Apresentam elas hastes muito espinhosas, flexuosas, que se estendem de uma árvore a outra, pelo alto, e alcançam um tamanho incrível.

As folhas que têm a forma característica da família, surgem com longos intervalos, em vez de formar a densa coroa apical, e são providas de certo número de longos espinhos recurvos apicais.

Tais órgãos são excelentes auxiliares que permitem à jacitara agarrar-se em sua ascensão, mas são muito incômodos para o viajante, pois às vezes pendem sobre a estrada e se prendem às roupas e ao chapéu, arrancando este último ou rasgando aquelas. [...]"

Celestino Pesce, em *Oleaginosas da Amazônia* (NEAD, 2009), descreve a jacitara como uma palmeira espinhenta de até 15 metros de altura, com 1 a 1,5 cm de diâmetro, folhas de 40 a 90 cm de comprimento e frutos obovóides, vermelhos, de 1,5 cm de comprimento.



Foto: Tarciso Leão/ divulgação



Eduardo Pereira
Sociólogo.
@weiss_guru



A TRADIÇÃO DA FOLIA DA ROÇA

Josyra Sampaio

O sagrado, a mobilização permanente, a criatividade e o código de raiz dos foliões de Formosa irão resistir?

“Sou vira-mundo virado pelo mundo do sertão mas ainda viro esse mundo em festa, trabalho e pão”
Gil Capinam

O que está escriturado no espaço de manifestações das danças de Formosa, quando são observados como símbolos significantes a subversão da ordem na folia da roça, a imitação de status na folia da cidade, o deslocamento na questão do sagrado, o conjunto de signos interativos nas representações e a mobilização permanente da criatividade dos foliões?

Observa-se que eles não chegam a sentir perplexidade diante de sua condição desumana de pobreza material, porque simbolizam instantaneamente seu pensamento, seus desejos e suas carências, através da linguagem artística e gestual que elegem para expressá-los. Na folia da roça, resgatam o orgulho ao sobrepujar os padrões quando cantam, dançam e dirigem os ofícios dos autos e no momento em que conseguem subverter a ordem estabelecida. (...)

Com o tributo à entidade religiosa, garantem o espaço e o tempo de convivência que vai consagrar a fartura fugaz do alimento. Na construção dos espaços comuns, com suas flores, bandeirolas e adereços manifestam a vocação das harmonias plásticas. Na composição das modas, no repique das violas e percussões e nas danças organizam, com estruturas rítmicas e melódicas, seus objetos do cotidiano, promovendo a congregação e a fraternidade entre grupos e pessoas.

Observa-se que os foliões de Formosa transcendem o estado de perplexidade escriturando, no espaço/tempo em que ela ocorreria, a reconstrução de seus recursos de sobrevivência, física e psicológica, coletiva. A perplexidade tem entre eles, desse modo, uma existência imanente que gera energia criadora.

O processo atual de internacionalização dos bens materiais e de cultura possui recursos sofisticados de mobilização e massificação para atingir o comportamento das pessoas, e apartá-las de suas raízes culturais e transformá-las em seres submissos ao consumismo, desprovidos de determinação e de força criativa.

Tudo indica que, por via contrária ao que se observa entre os foliões de Formosa, o estímulo à inventividade e à criação de beleza resgatará nos outros as forças naturais que estão entorpecidas pelo discurso fascinante da mídia, favorecendo neles o reconhecimento de sua identidade cultural, para, finalmente, poderem criar beleza a partir de seus códigos de raiz. Então serão pessoas completas, porque prontas para atingirem a capacidade de espanto diante das diferenças injustas (...).

Fonte: Formosa – foliões e violeiros – Projeto Danças do Brasil, 1999, pp 151, 152. Edição Iêda Vilas-Bôas.



LOJA XAPURI
100%
SOLIDÁRIA

www.xapuri.info/loja_solidaria

RESPONSABILIDADE SOCIAL

Cada produto vendido por nós e comprado por você contribui para o fortalecimento de um pequeno empreendimento, de um coletivo de mulheres, de um povo indígena, de um projeto socioambiental, ou de um movimento social.

GREVE GERAL

DA EDUCAÇÃO PÚBLICA

18 DE MARÇO DE 2020



CNE Confederação Nacional dos
Trabalhadores em Educação
www.cnte.org.br

Brasil

Filiada à
CUT
BRASIL

Internacional
da Educação

CEA

FNPE
Forum Nacional de Educação

SINPRO
Sindicato dos Profissionais
do Ensino Federal

DF
41
CUT
CNE



LOJA XAPURI
100%
SOLIDÁRIA

www.xapuri.info/loja_solidaria

RESPONSABILIDADE SOCIAL

Cada produto vendido por nós e comprado por você contribui para o fortalecimento de um pequeno empreendimento, de um coletivo de mulheres, de um povo indígena, de um projeto socioambiental, ou de um movimento social.

"ESPALHA"

Gomercindo Rodrigues

Considero de uma profunda injustiça o que o Estado brasileiro fez e faz com os soldados da borracha na Amazônia. Lembro-me que uma vez, quando já estava estudando Direito, em Rio Branco, como estagiário, fui assistir a uma audiência na Justiça Federal.

Era uma audiência de "justificação", onde velhos seringueiros tentavam provar na Justiça, com testemunhas, que tinham trabalhado na Amazônia, na época da Segunda Guerra Mundial.

Sentei-me no fundo da sala, como convinha a um estagiário no entender do juiz que presidia a audiência e que não gostava muito estagiários.

Entrou um velhinho, disse que trabalhara por volta de 1941, no "Espalha".

O juiz, fazendo-se de desentendido, ou sem entender mesmo, perguntou:

- Espalha, o que é espalha? É uma cidade? Uma fazenda? Uma vila? (Note-se que o Meritíssimo, embora estivesse ouvindo um seringueiro, não perguntou se "Espalha" era algum seringal).

- Espalha é Seringal Espalha, São Francisco do Espalha, que fica no Igarapé Espalha!, respondeu o velho seringueiro, fazendo cara de espanto, porque para ele era evidente que, quando ele estava falando de "Espalha", estava falando do seringal com tal nome e não lhe parecia aceitável que uma autoridade, como o juiz, não soubesse disso.

- Isso fica perto de onde, perguntou o juiz.

O seringueiro ficou sem saber o que o juiz queria saber. Na verdade, o que o Meritíssimo queria saber, mas não explicou, era em que município estava localizado o seringal. Mas, da forma como formulara a pergunta, era impossível ser respondida, por uma questão muito simples: o Seringal Espalha não fica perto de nenhum lugar.

(Se formos por terra até Xapuri, serão 15 a 18 horas de caminhada. Se formos para Rio Branco, mais ou menos a mesma coisa. Se formos de barco para Rio Branco, serão dois dias. Ser formos de voadeira (que é como são chamadas as embarcações rápidas, normalmente de alumínio, com motores de 25 a 40

HP, na Amazônia), são cerca de 10 horas. Ou seja: o Espalha é longe de tudo!)

Como é que o juiz queria que o seringueiro soubesse responder ao questionamento, da forma como o fez?

Logo depois, entrou uma testemunha, outro seringueiro com cerca de 80 anos de idade. O juiz fez a advertência de praxe, de que ele estava depondo na condição de testemunha e, se mentisse, responderia pelo crime de falso testemunho.

O velhinho respondeu "na lata", como se diz regionalmente, ou seja, prontamente: eu já sei, pode perguntar seu doutor.

O juiz começou com as perguntas:

- O senhor conhece o justificando (e indicou o nome) aqui presente?

- Sim, senhor juiz.

- Desde quando?

- Desde o ano de 1940.

- Onde o senhor o conheceu?

- No Espalha.

- O que é Espalha? É uma cidade? Uma fazenda? Uma vila? O que é?

- Espalha é o seringal!

- O senhor sabe se ele cortava seringa?

- Sim, senhor! Ele era meu vizinho.

- O senhor cortava seringa?

- Sim, senhor!

- Como é que o senhor o via cortando seringa, se ele estava em outra colocação? O senhor deixava de cortar seringa para vê-lo?

- Não, seu doutor, é que havia uma estrada de seringa que extremava com a minha e a gente se via sempre quando eu estava cortando essa estrada e ele cortando a dele...

O juiz, então, procurou saber quem era o patrão, o noteiro, o fiscal que trabalhavam no seringal. A testemunha disse tudo certinho. Ao ditar para o escrivão, o juiz propositadamente inverteu os nomes. A testemunha, rapidamente, corrigiu o juiz: "Não doutor, esse era o patrão. Esse outro era o noteiro e aquele outro era o fiscal".

Isso ocorreu por volta de 1996, ou seja, cerca de 45 anos após os fatos. O juiz, tentando duvidar da testemunha, disse: "o senhor tem uma boa memória, hein?"

A testemunha não contou conversa: "- Escuta aqui, seu menino, o senhor está querendo dizer que eu, com 80 anos de idade, que nunca menti na minha vida, estou mentindo agora, aqui, na frente de uma autoridade? É isso que está querendo dizer?"

Confesso que quase aplaudi a testemunha, pois o juiz calou-se e encerrou o termo. Mas o impressionante é que o juiz, efetivamente, no meu entender, quisera duvidar da testemunha. Isso era quando as justificações eram admitidas. Imagine agora que são necessários documentos escritos da época dos fatos.



Foto: Divulgação



Gomercindo Rodrigues - Advogado.



COMO AS ESPANHOLAS PREPARAM BACALHAU

Clarice Lispector

Elas fazem assim:

Escaldam ½ kg de bacalhau (por exemplo), sem espinhas. Partem em pedaços e levam a fritar em azeite, até alourar.

Em seguida:

Arrumam, em panela de barro, em camadas, o bacalhau, rodela de batatas, de cebolas, de tomates, de pedaços de pimentão doce, tudo cru. Regam com um pouco de azeite fino, tapam a panela, e levam a assar no forno.

E depois?

Depois servem na própria panela de barro, envolvendo-a com um guardanapo.



Clarice Lispector (in memoriam)
Escritora, em "Só para Mulheres",
organização Maria Aparecida
Nunes, Editora Rocco, 2008.

A CATAPULTA

Eduardo Galeano

Em 1933, Adolf Hitler foi nomeado primeiro-ministro da Alemanha. Pouco depois, celebrou um ato imenso, como correspondia ao novo dono e senhor da nação.

Modestamente, gritou:

- *Eu estou fundando a Era da Verdade. Desperta, Alemanha! Desperta!*, e os rojões, os fogos de artifício, os sinos das igrejas, os cânticos e as ovações multiplicaram os ecos.

Cinco anos antes, o partido nazista havia conseguido menos de três por cento dos votos.

O salto olímpico de Hitler rumo ao topo foi tão espetacular como a simultânea queda, rumo aos abismos, dos salários, dos empregos, da moeda e de todo o resto.

A Alemanha, enlouquecida pelo desmoronamento geral, desatou a caça aos culpados: os judeus, os comunistas, os homossexuais, os ciganos, os débeis mentais e os que tinham a mania de pensar além da conta.



Eduardo Galeano (in memoriam) -
Jornalista, escritor, em "Os Filhos dos Dias",
Editora L&PM, 2ª edição, 2012.



OS ESPÍ- RITOS DA MATA

Trevo Ribeiro

Depois de tu ter feito um trato
Com quem tava no trono da ditadura
Tratou à base de trator e tortura
Os espíritos da mata
A expressão da cultura
As pessoas e nossa vasta fauna
Enterrados sem perdão na sepultura

Teu porte de arma
Deixa milhares de almas sem aporte
Não faz parte da minha calma
Ver você matar o norte

Dou um giro,
Respiro fundo,
Bato palma

Para que os espíritos da floresta
Caíam todos de testa na tua sorte
E que em uma noite indigesta
Venha um vento frio, feito um corte,
Junto a um estranho assobio
de uma fina fresta e fale:
"Tu achou 'mermo' que nós não ia cobrar
aquelas mortes?"
Aí tu sente um corte no peito
Que nem o mais forte dos sujeitos aguenta

Sabe quem é?
É Matinta Pereira!
Ela tá dizendo que vem buscar o tabaco na
próxima sexta-feira
Quando ela, no formato de velha aparece,
Teu corpo padece, tua perna chacoalha
Um pássaro agourento, chamado rasga-
mortalha,
Te deixa ao relento, pelo teu imperdoável
esquecimento...

"Aiiiiii, Deus me valha!"

Isso...
Clama pelo teu
Porque na mata, quem grita de volta é
Mapinguari
Monstro peludo
Com olho na testa e boca no umbigo
Monstro macetudo
Sem tempo pra festa
Não é teu amigo
O sopro do bucho do Mapinguari
Dilata o aço
E deixa em estilhaço a tua espingarda

Aí tu te arrepende de tudo destruir
Sem ter pra onde ir, tua cabeça é arrancada

De madrugada,
Nas águas de um rio qualquer
A lara te faz de bobo
O boto te faz de mané
Te leva pro fundo do rio
Nas águas de um Igarapé
Esse rio é minha rua
Se a rua é nós
O rio é nós
Aqui, tu não faz o que bem quer

Quer-queira, quer-não
Um terço daquilo que tu fez já era motivo de
maldição
Pega o terço, vai...
Reza, chorando, olhando pra cima
Tu não queria consumir a mata?
Agora quem te consome é o fogo de
Macunaíma

Lá de cima,
lá de cima se anuncia a queda do céu
Queda essa que conhece a nossa luta
Não argumenta
Senta que tu é réu
Sem advogado,
O teu gado é tua culpa
A juíza é a poesia
Fake news de mito nunca foi mitologia
E o veredicto tá aqui nesse papel!

Pois é...
Na real, tu nunca produziu nada
Tu matou e explorou foi muita gente em
larga escala
Escuta só...
Repara...

(Assobios da mata)

É o sopro do Uirapuru
Com a fumaça da Caipora
Que vai fazer justiça nos tormentos do
agora
Porque assim como a rua
A MATA COBRA!!!



Trevo Ribeiro –
Poeta acreano.

SOBRE AS COMUNIDADES DE FUNDO E FECHO DE PASTO: PORQUE AS PESSOAS DO SERTÃO SÃO, ANTES DE TUDO, UMAS FORTES!

Adriana Margutti, Valdivino Rodrigues

Este nosso artigo é sobre as autodenominadas comunidades de Fundo e Fecho de Pasto, importante segmento das Comunidades e Povos Tradicionais do Brasil. Queremos, aqui, colocar um pequeno feixe de luz sobre a difícil situação em que vivem essas comunidades que tanto contribuem para a conservação da nossa biodiversidade e que padecem sob a ameaça de perder seus territórios tradicionais.

Neste nosso Brasil de dimensões continentais predominam, desde o período colonial, as grandes propriedades de terra sob domínio de quem possui poder econômico e político. Cada vez mais, esse modelo injusto de concentração fundiária coloca em risco a sobrevivência das Comunidades de Fundo e Fecho de Pasto, sobretudo pela ameaça da tomada de seus territórios.

Recentemente, os grandes empreendimentos agropecuários, de mineração e eólicos, amparados no poder político e na pressão econômica, vêm tentando segmentar as comunidades e subtrair dos povos tradicionais, os verdadeiros donos da terra, o direito à posse e ao domínio legítimo e legal de seus territórios.

A Articulação Estadual de Fundo e Fecho de Pasto é o movimento social que os representa e luta para garantir seus direitos fundamentais.

COMUNIDADES DE FUNDO E FECHO DE PASTO

As comunidades de Fundo e Fecho de Pasto estão presentes nos processos de ocupação do interior da Bahia, mais especificamente nas áreas de Cerrado e Caatinga, desde o tempo das Sesmarias. Ali construíram, ao longo do tempo, sua identidade territorial e seu modo de vida condizente com a realidade dos territórios que ocupam.

Sua característica produtiva é o uso coletivo da terra, sem cercas, para a caprinocultura e para o extrativismo de produtos florestais não madeireiros, como o umbu e o licuri. A prática da caprinocultura

se dá em sistema extensivo ou semiextensivo, com os animais soltos nas áreas de pastagens naturais e coletivas, ao longo de todo o ano.

Apresentam fortes vínculos de parentesco, possuem forte religiosidade e tradição cultural, e fazem uso da medicina preventiva tradicional. As populações de Fundo e Fecho de Pasto guardam a força, a coragem, as tradições do povo sertanejo, “antes de tudo um forte”, em um mundo social onde a solidariedade permeia todas as relações humanas.

Suas práticas produtivas são realizadas com equilíbrio ambiental, a forma como se relacionam com a terra e com a mata pode servir como exemplo de produção conservacionista em contraponto à exploração da terra intensiva e de larga escala que predomina no país e nos territórios onde se localizam.

LUTA HISTÓRICA

A luta das Comunidades Fundo e Fecho de Pasto não começou ontem, essa luta vem de longe com avanços e conquistas, retrocessos e retomadas.

De acordo com a Secretaria de Promoção da Igualdade Racial (Sepromi) da Bahia, a certificação das comunidades de Fundo e Fecho de Pasto se encontra no seguinte estágio: 967 comunidades têm registro na Secretaria, em três situações: 611 certificadas; 165 estão na Casa Civil aguardando a publicação do despacho de reconhecimento; 191 processos estão em tramitação.

O que possibilita avanços na busca desses direitos continua sendo a capacidade de articulação, mobilização, resistência e pressão das próprias comunidades, em sua busca cotidiana por políticas públicas que atendam suas especificidades socioculturais e produtivas, promovendo o conjunto das práticas e saberes coletivos. O quadro a seguir resume a trajetória de luta dessa gente que resiste na terra, que não desiste nunca do que é direito seu.

Ano	Histórico/Parecer/Situação Jurídica
1984	Como resultado da mobilização social, o governo da Bahia inicia o reconhecimento e a regularização fundiária dos territórios coletivos. Nesse ano, a Constituição do Estado da Bahia, no Capítulo – Da Política Agrícola, Fundiária e da Reforma Agrária, Parágrafo único, do Art. 178, reconhece as comunidades de Fundo e Fecho de Pasto e seu direito à ocupação dos territórios, porém mediante Contrato de Concessão de Direito Real de Uso (CCDRU).
2006	O crescente processo de organização social resulta na regularização fundiária de 107 áreas coletivas; ainda nesse ano o segmento alcança maior visibilidade e ocupa um assento no Conselho Nacional de Povos e Comunidades Tradicionais (CNPCT).
2007	A Regularização Fundiária dos territórios tradicionais deixa de fazer parte da agenda do Estado da Bahia.
2013	Lei 12.910 da Assembleia Legislativa da Bahia (ALBA) impõe prazo de até 31 de dezembro de 2018 para a autoidentificação, solicitação de certificação, reconhecimento e regularização fundiária dos territórios das Comunidades de Fundo e Fecho de Pasto junto aos órgãos competentes no Estado e na União. Contra essa lei que determina prazo para o autorreconhecimento foi encaminhada ao Supremo Tribunal Federal (STF) uma Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) que está tramitando sob a relatoria da Ministra Rosa Weber. Como o prazo foi contestado pela Articulação Estadual de Fundo e Fecho de Pasto, a Casa Civil do Governo da Bahia, por entendimento com as lideranças da Articulação Estadual, continua acatando solicitações após o prazo.
2017	Ápice da fragilidade. A Procuradoria Geral do Estado (PGE) emite parecer recomendando não emissão dos títulos de domínio para os territórios coletivos de Fundos e Fechos de Pasto, ainda que no mesmo processo a PGE recomende o CCDRU com validade de 20 anos para essas comunidades.

Os instrumentos de garantia dos direitos dos Povos e Comunidades Tradicionais, como os artigos 215 e 216 da Constituição Federal, que tratam da proteção das culturas tradicionais; a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho – OIT, que lhes assegura direitos fundamentais como o autorreconhecimento, a garantia do território, a consulta prévia e a informação quando ações a serem desenvolvidas por terceiros afetem suas condições de manutenção e reprodução cultural; e a Constituição Baiana, não têm alcançado a efetividade necessária.

Não podemos negar a importância das ações que vêm sendo realizadas pelo estado da Bahia, por exemplo o Bahia Produtiva e o Pró-Semiárido, executados pela CDA, mas é necessário que as falhas da Lei nº 12.910 sejam corrigidas e o reconhecimento ao direito territorial seja uma “Política de Estado” e a regularização fundiária das áreas coletivas se dê por instrumentos legais reconhecidos pelo Estado em todas as suas instâncias.

Os Povos de Fundo e Fecho de Pasto, com seu modo de viver e produzir, geram ganhos intangíveis para a sociedade, contribuem para a manutenção da

biodiversidade da Caatinga (bioma exclusivamente brasileiro) e do Cerrado (a savana mais biodiversa do planeta), além de contribuir no combate às mudanças climáticas, garantindo diretamente a segurança alimentar e a qualidade de vida de milhares de pessoas, no campo e na cidade.



Adriana Margutti –
Mestre em ciências florestais, faz parte do Coletivo Florestal Cagaita.



Valdivino Rodrigues –
Representante da Articulação Estadual de Fundo e Fecho de Pasto.

Nota: Conheça mais sobre os povos de Fundo e Fecho de Pasto: https://redecerrado.org.br/comunidades_cerrado/fundo-e-fecho-de-pastos/; https://www.youtube.com/watch?v=lmeearmg_8; <https://irpca.org/noticias/1119/comunidades-de-fundo-e-fecho-de-pasto-tem-ate-2018-para-se-auto-reconhecerem>



SAGRADO INDÍGENA

WATU, UM RIO EM COMA

Ailton Krenak

O Watu, esse rio que sustentou a nossa vida às margens do rio Doce, entre Minas Gerais e o Espírito Santo, numa extensão de seiscentos quilômetros, está todo coberto por lixo tóxico que desceu de uma barragem de contenção de resíduos, o que nos deixou órfãos e acompanhando um rio em coma. Faz quase cinco anos que esse crime* – que não pode ser chamado de acidente – atingiu nossas vidas de maneira radical, nos colocando na real condição de um mundo que acabou.



Ailton Krenak

– Líder Indígena. Pensador. Filósofo. Em "Ideias para adiar o fim do mundo". Companhia das Letras. 2019.

*Nota da Editora: Alusão ao rompimento da barragem do Fundão, da mineradora Samarco, controlada pelas multinacionais Vale e BHP Billiton, em novembro de 2015. Foram lançados no meio ambiente cerca de 45 milhões de metros cúbicos de rejeitos da mineração de ferro, o que desencadeou efeitos a longo prazo na vida de milhares de pessoas, incluindo as aldeias Krenak.

Foto: Divulgação



LOJA XAPURI
100%
SOLIDÁRIA

www.xapuri.info/loja_solidaria

RESPONSABILIDADE SOCIAL

Cada produto vendido por nós e comprado por você contribui para o fortalecimento de um pequeno empreendimento, de um coletivo de mulheres, de um povo indígena, de um projeto socioambiental, ou de um movimento social.



COMO PRESVISTO EM LEI, MEC ANUNCIA REAJUSTE DE 12,84% NO PISO SALARIAL PARA 2020.

AGORA, É LUTAR POR UM FUNDEB PERMANENTE E PARA QUE GOIÁS PAGUE O VALOR DETERMINADO!

Bia de Lima

"... Construir uma sociedade livre, justa e solidária; garantir o desenvolvimento nacional; erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais; promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação." **Artigo 3 da Constituição Federal de 1988**

Em 16 de janeiro de 2020, via transmissão ao vivo do presidente da República pela internet, o MEC anunciou o reajuste, já previsto em lei, de 12,84% no piso salarial dos profissionais da rede pública da educação básica em início de carreira em 2020. Com isso, o valor do piso passa de R\$ 2.557,74 para R\$ 2.886,24.

Nesse sentido, o governo federal cumpriu o estipulado pela Lei do Piso (Lei 11.738/2008), em vigor desde o governo Lula, que estabelece a atualização anual do piso salarial do magistério no mês de janeiro de cada ano. O primeiro reajuste foi feito pelo então ministro da Educação Fernando Haddad, em 2009, determinando à época o valor mínimo de R\$ 950,00 para a rede pública de ensino da Educação.

Torna-se importante ressaltar que, mesmo com essa atualização, o professorado brasileiro, embora cumpra as maiores jornadas de trabalho em sala de aula, convivendo com condições precárias de trabalho, está entre os que detêm a pior remuneração entre os países considerados desenvolvidos ou em processo de desenvolvimento.

Em nota distribuída por sua Assessoria de Imprensa, o Ministério da Educação informa que o MEC continua utilizando como referência para o reajuste do piso dos professores o crescimento do valor anual mínimo do custo por aluno nos dois anos anteriores. Entretanto, o valor é, segundo o MEC, determinado com base em estimativas das receitas do Fundeb (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação).

É preciso informar também que o Brasil se mantém entre as nações com o menor investimento per capita por estudante na educação básica (US\$ 9.600 na média anual da OCDE contra US\$ 3.860/ano no Brasil, enquanto que a média salarial do magistério brasileiro no nível básico de ensino foi de US\$ 14.775 no ano de 2018 - incluídos os encargos sociais - contra US\$ 33.058 dos países da OCDE.

Por essa razão, dentre outras, é que o SINTEGO encampa a campanha da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) pela transformação do Fundeb em política permanente, o que pode ser feito com a aprovação das propostas de emenda à constituição - PECs 15/2015 e 65/2019, que visam tornar o Fundeb política permanente e com maior aporte de recursos para financiar todas as etapas e modalidades da educação básica pública.

Em Goiás, nossa luta é para assegurar, por parte do Estado e dos Municípios, o valor do piso estipulado pelo MEC, e nosso compromisso é seguir lutando para que também sejam cumpridos os compromissos assumidos pelo Plano Nacional de Educação, por meio da Lei 13.005, de 2014, em

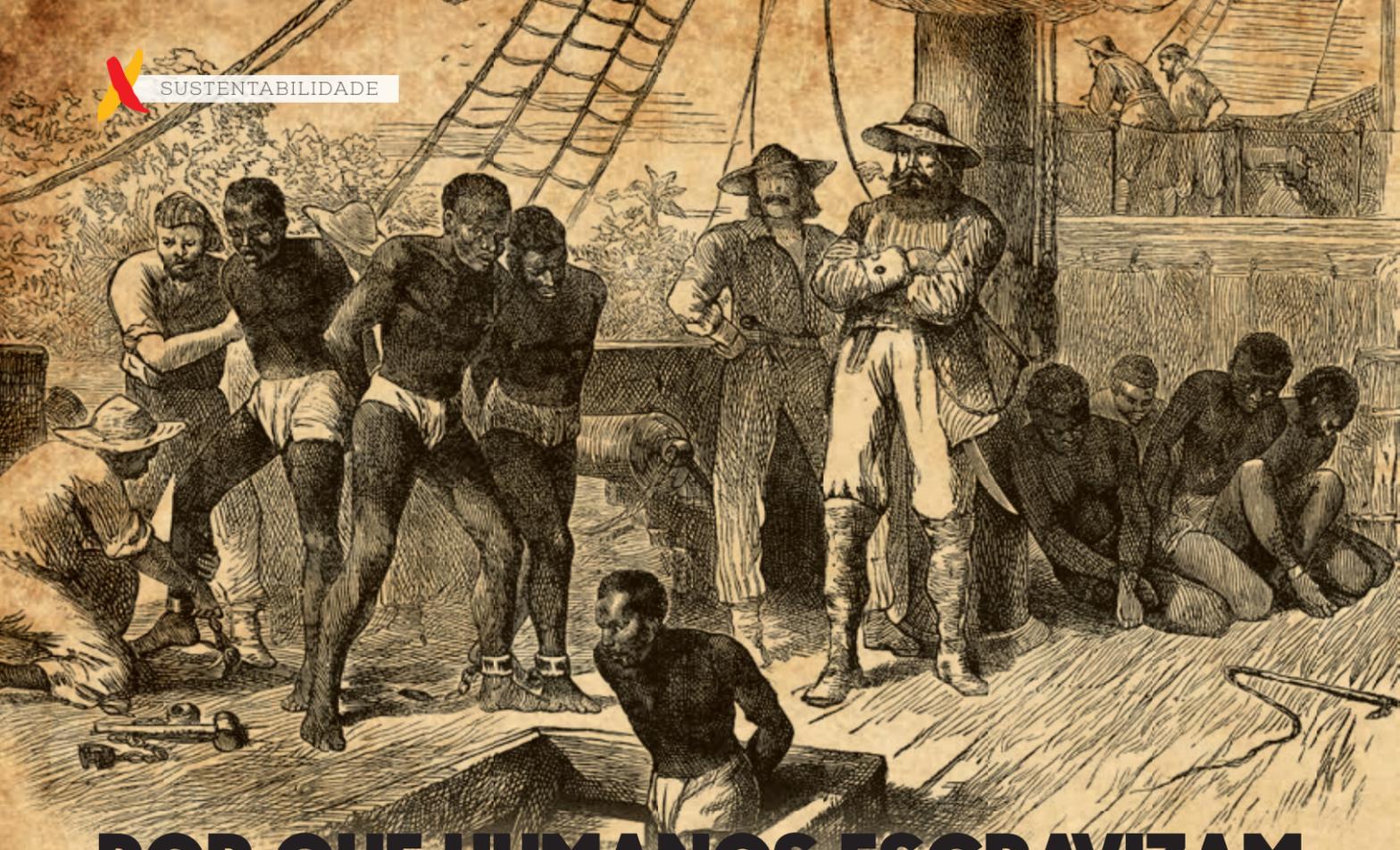
especial o de equiparar a remuneração média do magistério com a de outras categorias com a mesma formação em nível superior.

Queremos, também, o cumprimento do PNE, no sentido de ampliar o piso salarial, de equiparar a remuneração média do magistério com a de outras categorias com mesma formação em nível superior e de garantir a formação profissional e os planos de carreira aos funcionários e funcionárias da educação.



Bia de Lima
Educatora. Presidenta do SINTEGO. Presidenta da CUT/GO.

SINTEGO
GENTE QUE TRABALHA A EDUCAÇÃO
SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO DE GOIÁS
filiação à
CUT **ON E**



POR QUE HUMANOS ESCRAVIZAM OUTROS HUMANOS?

Leonardo Boff

A existência e a persistência da escravidão ou de condições análogas à escravidão constituem um desafio humanístico, filosófico, ético e teológico até os dias de hoje. Por que humanos escravizam outros humanos, seus co-iguais?

A mais antiga codificação de leis, o Código de Hamurábi, escrito por volta de 1772 A.C. no Irã já se refere à classe dos escravos. E assim, ao longo de toda a história, até os dias atuais.

A Walk Free Foundation, que se ocupa com a escravidão, no nível mundial, calcula que haja hoje cerca de 40,3 milhões de pessoas em regime de escravidão por tráfico de pessoas, por dívida, por trabalho ou casamentos forçados etc. A Índia lidera o ranking com 7,99 milhões de escravizados. Os dados do Brasil de 2018 apontavam 369 mil em condições análogas à escravidão ou escravizados.

As cabeças mais brilhantes do Ocidente viram-na como natural ou até possuíam escravos. Assim, Aristóteles, David Hume, Immanuel Kant, Friedrich Hegel. O próprio formulador da Declaração de Independência dos Estados Unidos, Thomas Jefferson, na qual se

afirmava que todos os seres humanos nascem livres e com direitos iguais possuía escravos, bem como o nosso Tiradentes, que possuía pelos menos seis deles.

O famoso Padre Antônio Vieira, num engenho, pregava aos escravos: "Sois imitadores do Cristo crucificado porque padeceis em um modo muito semelhante ao que o mesmo Senhor padeceu na sua cruz e em toda a sua paixão", chegando a chamá-los por isso de "bem-aventurados". Uma piedosa e ao mesmo tempo cruel justificativa.

Resumindo: Afirma o grande especialista em escravidão o jamaicano Orlando Petterson, professor em Harvard: "A escravidão existiu desde o início da história da humanidade, até o século XX (XXI), nas sociedades mais primitivas e também nas mais avançadas" (cf. L. Gomes, Escravidão, p.65). Que razões que levaram à escravidão?

Nenhuma explicação até hoje se revelou convincente. Mas podemos tatear razões, embora todas precárias.

A primeira teria sido o patriarcado. O homem-macho, há 10-12 mil anos, se impôs a todos, à mulher, aos filhos, à natureza. Sobrepor-se ao outro,

fazendo-o seu servo e escravo. A escravidão seria filha do patriarcado ainda vigente nos dias atuais.

A segunda razão, de natureza filosófica, sustenta que o ser humano é um ser decadente. Não num sentido ético, mas ontológico. Quer dizer, sua natureza é assim, nunca consegue ser o que deveria ou desejaria ser. Nele há uma amarra interna que o impede de dar o salto necessário: controlar e integrar seus impulsos que não são em si maus, mas naturais: a cólera, o uso da força, o poder como capacidade de dominação.

Ele decai no sentido de dar vazão a estes impulsos e destarte tornar-se inumano. Onde lhe vem essa incapacidade? A contradição entre o desejo infinito e a realidade finita? Bem que poderia conviver jovialmente com o infinito, acolhendo seu ser finito. Mas não o fez e não o faz. A chaga continua a sangrar e a fazer sangrar.

Tenho para mim que a sabedoria judaico-cristã, de alta ancestralidade, traz alguma luz. Fala de pecado original. O termo não é bíblico, pois aí se usa "pecado do mundo" ou "o ser humano é inclinado ao mal desde a sua juventude". Pecado original é um termo criado por Santo Agostinho (354-430) em sua intensa troca de cartas com São Jerônimo e em polêmica com o teólogo Pelágio.

Pecado original, segundo ele, não possui uma conotação temporal, "desde as origens". Mas original concerne ao núcleo originário, primeiro e essencial do ser humano. No seu interior mais

profundo vigora uma ruptura: com a natureza, não respeitando seus ritmos, com o outro, odiando-o e com o Definitivamente Importante.

Ele se considera o mais importante, pelo fato de ser dotado de razão. Por ela imagina que pode dar conta de si mesmo, como se ele mesmo se tivesse dado a existência e não Alguém que o fez vir este mundo. Pecado original é essa hybris e arrogância. Significa magnificar seu eu a ponto de excluir os outros e o Grande Outro que o criou.

A consequência primeira é a instauração da ditadura da razão. Ela pretende explicar tudo e por ela dominar tudo. Vão propósito. O ser humano não é só razão. É principalmente coração, sensibilidade e amor. Bem antes da razão, o logos, em termos da antropogênese, veio o sentimento, o pathos. Esta dimensão foi recalcada e até negada.

Com isso deixou de sentir o outro, de colocar-se no lugar dele, alegrar-se e sofrer com ele. Objetivou-o, vale dizer, o fez um objeto de uso e abuso. Surgiu a dominação do outro. Começou a escravização de um humano sobre outro humano.

Não sentir os outros como nossos semelhantes e não ter empatia para com eles é o "nosso pecado original", origem da escravidão de ontem e de hoje. Sem abraçar o outro como co-igual e sem ouvir o grito da Terra não haverá futuro para o nosso tipo de mundo e de civilização. Outro deverá vir com seres todos livres e humanos.



Leonardo Boff

Teólogo. Filósofo. Escreveu: Cuidar da Terra e proteger a vida: como escapar do fim do mundo, Record, 2010. <https://leonardoboff.wordpress.com/>





Foto: Divulgação

ALZIRA RUFINO:

“SE PODER É BOM, MULHER NEGRA QUER PODER”

Iêda Vilas-Bôas

Alzira Rufino nasceu em Santos, litoral de São Paulo, em 6 de julho, o mês das farturas do milho, e parece que foi ainda estes dias, mas o ano era 1949. Nasceu em casa de família pobre, trabalhadeira e digna. Desde pequenina a menina negra de olhos bem vivos já ajudava nos afazeres da casa. Aos dezessete anos, foi admitida em um hospital como auxiliar de cozinha.

Ficou na função por dois anos, período em que ganhou seu primeiro prêmio literário; o que ali viu e viveu fez com que a moçoila aguçasse ainda mais as causas sociais latentes sem seu peito. Aos dezenove anos, iniciou os estudos na área da saúde. Dedicando-se seriamente, galgou os diferentes níveis de sua área de atuação, até graduar-se em enfermagem. Desceu e subiu muitas montanhas, galgou com afinco seu espaço e hoje é uma ativista política atuante no Movimento Negro e no Movimento de Mulheres Negras.

Em ato muito corajoso e proativo, em março de 1985, organizou a primeira Semana da Mulher da

região da Baixada Santista, reunindo todas as organizações de mulheres. O primeiro passo fora dado, então Alzira Rufino precisava seguir em frente e, em 1986, fundou o Coletivo de Mulheres Negras da Baixada Santista, um dos mais antigos grupos de mulheres negras do Brasil.

Em voo mais ousado, em 1990, fundou a Casa de Cultura da Mulher Negra (CCMN). Resgatando sua ancestralidade, Alzira se tornou lalorixá (mãe dos segredos dos Orixás); pela sua sensibilidade latente, tornou-se poeta e Presidente da Casa de Cultura da Mulher Negra, desde 1991.

Alzira Rufino deveria ser chamada de Alzira Furacão, pois não se permite descansar. Para ela, o seu ativismo negro é a força motriz que a mantém liderando seu povo negro e os simpatizantes da causa, fazendo, nestes tristes tempos, um contrabalanço contra o preconceito e o fascismo que faz rasantes sombrios sobre

nossas cabeças enfeitadas com dreads coloridos, com *black tie*, crespos naturais ou até os cachos ondulados. Somos todos e todas alvos.

Alzira, em seu ativismo, tornou-se farol e guia da luta negra. Desde 1991, é *Fellow da Ashoka*, tendo coordenado a Rede Feminista Latino-Americana e do Caribe contra a Violência Doméstica, Sexual e Racial, na sub-região Brasil (de 1995 a 1998). Ela é expoente contra o racismo e em favor da autoestima e valorização do fenótipo do povo preto, da valorização de religiões afro-brasileiras, da etnia, e fiel à constante luta até que esteja extinta toda e qualquer forma de opressão, discriminação e preconceito contra o povo preto.

A Casa de Cultura da Mulher Negra (CCMN), presidida por Alzira, foi a primeira ONG brasileira a ser credenciada pela OEA (OAS), em 2001. Tem publicado inúmeros artigos em jornais e revistas nacionais e do exterior. Ganhou diversos prêmios de poesia em nível local e nacional e tem publicações de poesia, ficção e ensaios.

Alzira atua e trabalha com diversos temas: Violência Doméstica e Racial; Direitos Humanos das Mulheres Negras; Educação Antirracista; Comunicação e Cultura Afro-Brasileira, tendo sido a primeira mulher negra a criar um serviço de apoio jurídico e psicológico às mulheres negras e brancas sobreviventes da violência doméstica.

Desde 2001, edita a Revista EPARREI de Arte e Cultura Negra, e o Boletim EPARREI Online, espaço para seu culto sagrado e para as notícias de sua nação religiosa. Importante é sua contribuição na publicação de livros sobre violência doméstica e saúde: “Violência contra a Mulher – uma questão de Saúde Pública” (1998); “Violência contra a mulher – um novo olhar” (2000 e edições); “Violência contra a Mulher Saúde – Um olhar da Mulher Negra” (2004).

Ela é responsável pela criação de diversas leis e serviços: criação da Casa-abrigo de Santos (2000); leis contra o racismo e a violência contra a mulher na Baixada Santista; Criação da Lei Federal da Notificação Compulsória da Violência Doméstica pelos Serviços de Saúde Públicos e Privados (2003).

A atuação consciente e consequente de Alzira Rufino inspirou ou influenciou trabalhos similares em cidades como Três Corações/MG, Goiânia/GO, São Sebastião/SP, São José dos Campos/SP, Duque de Caxias/RJ, com foco no resgate cultural, na criação de serviço jurídico e psicológico e na geração de renda para mulheres em situação de risco.

Foi a primeira escritora negra a ter seu depoimento gravado no Museu de Literatura, recebeu diversos prêmios, deu conferências em vários países como Canadá, Holanda, Estados Unidos, Grã-Bretanha, Índia, Chile e Senegal.

Foi homenageada em 1991 como Mulher do Ano 1990, no Rio de Janeiro, pelo Conselho Nacional da Mulher Brasileira, e, em 1992, pela Câmara Municipal

de Santos e Câmara Municipal do Cubatão. Em 1992, recebeu o título de “Cidadã Emérita” da Câmara Municipal de Santos, sendo a primeira mulher negra a receber essa homenagem na região.

Foi escolhida, em 1995, como uma das coordenadoras da subsele brasileira da Rede Feminista Latinoamericana y del Caribe contra la Violência Doméstica y Sexual; Coordenou de 1995 a 2012 a Campanha “Violência contra a Mulher, uma questão de Saúde Pública”. Foi, em 2003, tema de tese de doutorado de Dawn Duke, do *Department of Hispanic Languages and Literatures, University of Pittsburgh, USA*. Em março de 2004, recebeu homenagem do Clube Soroptimista Internacional de Santos como Mulher Destaque. O nome *Soroptimist* significa “O melhor para as Mulheres”, ou seja, mulheres em seu melhor desempenho a fim de ajudar outras mulheres. Ela é uma das 52 mulheres negras brasileiras do Mil Mulheres para o Nobel da Paz.

Em 2005, recebeu da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo o Prêmio Zumbi dos Palmares; recebeu também o Troféu ANID – Ação Negra de Integração e Desenvolvimento. Em 2006, conquistou o Troféu Consciência Negra. Em 2007, o Diploma expedido pela Câmara dos Deputados em nível federal. Em 2007/2008, recebeu Diploma da Assembleia Legislativa de São Paulo, pelo trabalho desempenhado em prol das mulheres negras.

Em 2008, recebeu também Diploma como Embaixadora Cultural. Em 2009, o Prêmio Festa-Artistas do Teatro Amador de Santos. Em 2010, é premiada pela África no Brasil-Centro Cultural Africano. Em 2011, foi premiada pela OAB e pela Comissão da Mulher Santista.

Em 2012, foi honrada com a Medalha Ruth Cardoso, pelo Governo do Estado de São Paulo, e recebeu o Prêmio Consciência Negra – Conselho da Comunidade Negra de Santos. Em 2013, foi reconhecida como a Mulher do Ano – Rede de Mulheres Africanas – Comunidade de *Manguene*. Ao todo, recebeu 108 diplomas e 96 placas de prata vindas de organizações da sociedade civil, de empresas privadas e de governos municipais, estaduais e federal.

Nos dias de hoje, do alto de seus 71 gloriosos anos, ela continua na luta e se auto intitula “batalhadora incansável pelos direitos da mulher, sobretudo da mulher negra.”

Para a grande Alzira Rufino deixo: meu *Ò dabo!* (até breve), minha gratidão, e também o meu salve!

**Iêda Vilas-Bôas**

Escritora. Professora.
Presidente da ALANEG-RIDE
e Revisora de Textos

GREVE GERAL

DA EDUCAÇÃO PÚBLICA

18 DE MARÇO DE 2020



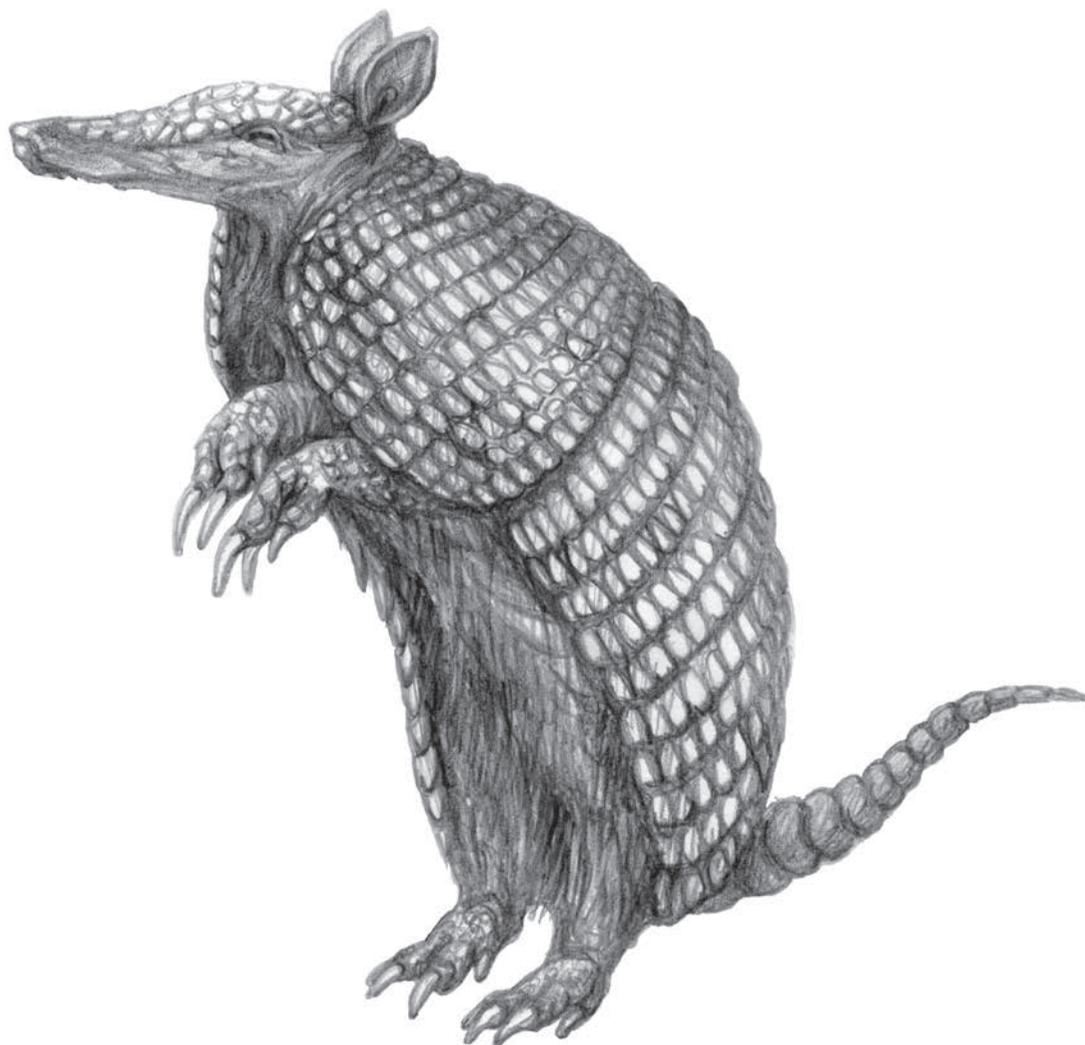
CNE Confederação Nacional dos
Trabalhadores em Educação
www.ente.org.br

Filiada à
CUT
BRASIL

Internacional
da Educação

CEA

FNPE
Forum Nacional Popular de Educação



**CAMPANHA XAPURI
ASSINATURA SOLIDÁRIA**

**ASSINE A XAPURI E GANHE,
AGORA, UMA LINDA CAMISETA
DA RESISTÊNCIA,
COM FRETE GRÁTIS PARA
QUALQUER LUGAR DO BRASIL.**

PRA XAPURI ACONTECER, NÓS PRECISAMOS DE VOCÊ.

VENI COM A GENTE!

**REVISTA
IMPRESSA**

ANUAL

R\$ **190**,00
12 EDIÇÕES

BIANUAL

R\$ **290**,00
24 EDIÇÕES

ASSINE JÁ!

WWW.XAPURI.INFO/ASSINE